



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Everton Luis Anselmini

Intérpretes de Libras-Português na
Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB):
uma análise do trabalho em equipe

Joinville/SC

2020

Everton Luis Anselmini

**Intérpretes de Libras-Português na
Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB):
uma análise do trabalho em equipe**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Santa Catarina, como
requisito para a conclusão do curso de Graduação
Bacharelado em Letras Libras.

Professora Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aguiar
dos Santos

Professor Coorientador: Prof. Dr. Luiz Herculano
de Souza Guilherme

Joinville/SC

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Anselmini, Everton Luis

Intérpretes de Libras-Português na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB): uma análise do trabalho em equipe. / Everton Luis Anselmini ; orientadora, Silvana Aguiar dos Santos, coorientador, Luiz Herculano de Souza Guilherme, 2020.

84 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Trabalho em Equipe dos Intérpretes de Libras-Português. I. Santos, Silvana Aguiar dos . II. Guilherme, Luiz Herculano de Souza. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras LIBRAS. IV. Título.

Gostaria de dedicar esse trabalho a toda minha família, em especial a minha amada Patrícia Taffarel, que me incentivou e fez o possível para que eu alcançasse esse objetivo.
Um agradecimento ao meu querido irmão, Surdo, Edielson Rodrigo Anselmini, que me inseriu no mundo da língua de sinais e me proporcionou ser um profissional que utiliza da Libras para trabalhar;
Obrigado aos meus pais, e meus sogros, que estiveram sempre ao meu lado nos momentos difíceis e nos momentos de comemoração;
Agradeço também aos meus amigos do IFSC, e a toda diretoria da ACATILS, que entendeu e me apoiou neste trabalho;
E para finalizar, agradeço a Deus pela oportunidade de escrever esse trabalho e de me iluminar para terminá-lo neste ano atípico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Professora Doutora Silvana Aguiar de Santos, por toda a sabedoria e por todo acompanhamento do meu TCC, dicas, artigos, livros para leitura, e pelos puxões de orelha para continuar a realização do trabalho, mesmo com a demora para a conclusão.

Obrigado em especial para meu querido amigo, compadre e coorientador, Luiz Herculano de Souza Guilherme, que me ajudou na revisão deste TCC.

Para finalizar, agradeço imensamente a FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau) por abrir as portas e trazer as informações que eu precisava; e aos Intérpretes de Libras dessa instituição que responderam ao questionário, e me apontar dados importantes para que eu conseguisse compreender e finalizar essa pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de letras libras bacharelado, pesquisa em uma universidade de grande porte da região de Blumenau (Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB) como se dá o trabalho da equipe de intérpretes que estão atuando na esfera educacional. O objetivo foi identificar e analisar como esse grupo trabalha em equipe, e em quais momentos isso é evidenciado. Nesse sentido buscamos no referencial teórico recortes de trabalhos sobre o intérprete de Libras-Português no Ensino Superior como Albres (2015), Santos (2013), Lacerda (2015), e relacionamos com o trabalho em equipe dos intérpretes onde usamos como base a dissertação de Nogueira (2016), pois ainda são escassos os trabalhos sobre equipes de interpretação no Brasil. Nogueira relata o trabalho da equipe de ILS de conferência, dentro de uma cabine de interpretação simultânea. Perante isso, elaboramos um questionário com 29 perguntas, em quatro blocos (Perfil Profissional; Campo de Atuação; Institucional e relacionamento) onde 12 profissionais da instituição se propuseram a responder. A partir da análise desses dados foi possível identificar que quando os intérpretes possuem experiência, formação e conhecem a instituição, as conquistas ocorrem com mais facilidade, pois esses profissionais conseguiram um coordenador do grupo, e uma resolução que contém os regramentos para esse trabalho. Também identificamos que esses profissionais ainda não trabalham em equipe em sala de cursos de graduação e especialização, mas conseguiram conquistar isso em disciplinas concentradas e no mestrado. Os profissionais mostram na análise das questões que para essa categoria, o trabalho em equipe é importantíssimo para a qualidade da interpretação e para um menor cansaço físico e mental.

Palavras-chave: Equipe de intérpretes. Trabalho em Equipe. Intérprete de Língua de Sinais. Intérprete Educacional. Educação Superior.

RESUMO EM LIBRAS

Disponível em: https://youtu.be/yWZShb_xLsQ

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo de trabalho como Intérprete de Libras	49
Gráfico 2 - Formação dos Intérpretes de Libras	49
Gráfico 3 - Horas de atuação na instituição.....	50
Gráfico 4 - Frequência de reuniões da equipe de intérpretes da instituição	54
Gráfico 5 - Frequência semanal de estudos dentro da instituição	56
Gráfico 6 - Há algum estúdio de gravações, ou equipamentos que a instituição oferece para tradução de materiais?	57
Gráfico 7 - Convite para capacitações, treinamentos ou cursos oferecidos pela instituição	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estratégias para uma interpretação em equipe efetiva	36
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
1.1 Conceito de Trabalho em Equipe	15
1.2 O trabalho do Intérprete de Libras - Português	16
1.3 O Intérprete no Contexto Educacional	22
1.4 O Intérprete educacional na Instituição de Ensino Superior	27
1.5 A Equipe de ILS e a Possível Atuação Dessas Equipes na Instituição de Ensino Superior	30
2. A PESQUISA	38
2.1 Contexto Histórico da IES	38
2.2 A questão do ILS na FURB	40
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	44
3.1 Coleta de Dados.....	46
4. ANÁLISE DOS DADOS OU RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
4.1 Perfil Profissional	48
4.2 Campo de Atuação.....	51
4.3 Institucional	54
4.4 Relacionamento	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICE A - APRESENTAÇÃO DA PESQUISA AOS PARTICIPANTES	71
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO	72
ANEXO A – CÓDIGO DE CONDUTA E ÉTICA DA FEBRAPILS	78

INTRODUÇÃO

Em 2015, estava eu, frequentando uma disciplina específica da minha outra formação acadêmica (Licenciatura em Letras Libras) a qual tinha colegas Surdos¹, e também um Intérprete de Libras-Português (ILS) em sala. As aulas eram ministradas aos sábados e uma colega de profissão estava atuando como ILS, sozinha. Naquele dia, o professor resolveu dar uma aula expositiva teórica, que começou às 8 horas e terminou às 17 horas, com pausa para o almoço. Além disso, minha colega de profissão estava grávida.

Nesse dia comecei a refletir sobre a atuação do ILS sozinho em sala, o desgaste físico e mental destes profissionais e as condições de trabalho que eles têm na educação superior. Trabalhar sozinho durante oito horas ininterruptas, em disciplinas complexas, em aulas expositivas teóricas, leva qualquer pessoa ao cansaço extremo, imaginamos então essa pessoa grávida! Comecei a me perguntar: Por que não atuar em equipe no contexto educacional? É válido atuar da maneira e nas condições que atuou minha colega do exemplo acima?

Nesse sentido, resolvi nesta pesquisa, estudar sobre a Equipe de ILS no contexto Educacional, em específico no ensino superior, uma vez que problemas como o exemplo que retratei anteriormente é recorrente nas universidades e faculdades do nosso país. Precisamos lembrar que no contexto educacional existem vários níveis de aprendizado, desde o ensino infantil, ao superior. Essa pesquisa dará ênfase ao Ensino Superior, uma vez que a atuação nesse contexto é vista como um contexto de alta complexidade por alguns colegas intérpretes.

Na área de interpretação de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Português, as pesquisas destinadas à interpretação em equipe dos profissionais ILS são escassas, mas, ainda sim, o trabalho em equipe é reconhecido e afirmado em contextos específicos (de conferência; político; etc.). Da mesma forma, pesquisas relacionadas aos ILS na área educacional chamados de Intérpretes Educacionais por Albres (2015) crescem a cada dia, mostrando estratégias, dificuldades e desafios encontrados na sala de aula.

Segundo Santos (2015, p. 115): "No cenário nacional, temos muitas pesquisas sobre o contexto comunitário, dedicadas principalmente ao contexto educacional, como apontam Albres (2015), Lacerda (2015) e Santos (2013)". Juntamente a isso, o ensino superior vem ganhando força nessas pesquisas, pois cada vez mais pessoas Surdas estão procurando uma

¹ Usaremos Surdo com "S" maiúsculo como forma de empoderamento para essas pessoas, mostrando minha visão de respeito, reconhecimento e agradecimento aos Surdos. Surdo é aquele que se comunica através da língua de sinais, que têm uma cultura Surda e uma identidade Surda e têm orgulho de ser Surdo. Outros autores também fazem uso da mesma terminologia como, por exemplo, Lane (2008, p. 284); Castro Júnior (2011, p. 12), e Castro Júnior (2015, p. 11).

formação acadêmica para desenvolver suas pesquisas, fazendo com que as demandas existentes nesse campo de atuação cresçam.

Nesse sentido, influenciados pela necessidade de pesquisas sobre a equipe de intérpretes no contexto educacional, apresentaremos uma pesquisa que dialogue com o trabalho da equipe de ILS e com o respectivo trabalho desses profissionais. Olhando para o contexto educacional, a partir de Albres (2015), sabemos que geralmente no ensino fundamental e médio, o intérprete educacional acaba trabalhando sozinho na escola, não formando uma equipe.

[...] Poucos intérpretes e trabalhando isoladamente não favorece a reflexão coletiva, o compartilhar dos “modos de fazer” nessa nova profissão. Assim como, no processo de implementação, o fraco acompanhamento da construção da profissão intérprete educacional também pouco beneficia a avaliação da proposta de educação inclusiva com mediação de e para a Libras. (ALBRES, 2015, p. 32).

Nesse contexto, a instituição investigada foi a Fundação Universidade da Região de Blumenau (FURB), a qual foi escolhida por ter o maior número de intérpretes dentre as universidades da região do Vale do Itajaí. Pesquisar sobre o trabalho em equipe dos intérpretes educacionais é desafiador, pois vários autores tais como: Albres (2015), Lacerda (2015), Santa Catarina – FCCE (2013) mencionam a relevância desse trabalho, mas não explicitam e/ou detalham o processo de constituição de uma equipe e/ou modos de gerenciar as demandas que emergem nessa temática.

Por isso, essa pesquisa terá como participantes os intérpretes da FURB, na cidade de Blumenau, ainda que traga contribuições importantes possíveis de serem aplicadas também para outras realidades. Foi possível identificar estratégias e modos de trabalho que são usados por essa equipe, passíveis de serem replicadas em outras instituições ou não. Nesse sentido, a pergunta que realizamos para compreender essa atuação e que deve ser respondida no decorrer do trabalho é: Como ocorre o trabalho da equipe de intérpretes de Libras da FURB?

Estamos observando só uma universidade, justamente, para que o estudo possa abarcar as demandas, os obstáculos e possíveis soluções focando nesse contexto. Futuramente, outros pesquisadores podem realizar estudos com base neste material, a fim de verificar a relevância do trabalho em equipe e as contribuições deste para os serviços de interpretação. Além disso, estaremos analisando essa equipe de ILS no contexto de uma região específica.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como ocorre a atuação da equipe de ILS educacionais na FURB e descrever quais os principais desafios enfrentados durante o trabalho. Já os objetivos específicos são: analisar as funções dos ILS da equipe no contexto

educacional; identificar a importância do trabalho em equipe dos ILS nessa área; identificar como são realizadas as contratações desses profissionais; e observar se as atuações desses profissionais condizem com as recomendações apontadas pelas teorias existentes.

Analisar a atuação dessa equipe nos mostrará quais são as estratégias usadas; quais caminhos essa equipe percorre; qual é a relação entre os envolvidos na tradução/interpretação; e como é a divisão do trabalho feita pela equipe. Os objetivos específicos nos darão respaldo para garantir essa análise, e propor melhorias ou novas estratégias, se for o caso.

Quando um ILS é contratado para trabalhar em um contexto de conferência, por exemplo, ele alega a condição de trabalho segundo razões ergonômicas, e de melhor atuação, que seja em equipe (na maioria das vezes em dupla). Porém, quando é contratado para trabalhar em sala de aula ou em uma instituição de ensino, aceita o trabalho individualizado.

O TILS no momento de sua atuação profissional, não tem muito tempo para refletir e tomar decisões, sua atitude precisa ser imediata, pois, está em jogo o sentido concreto do enunciado. Segundo Lacerda (2012, p. 259), “Sua concentração precisa ser total e por essa razão é que em geral, o trabalho do intérprete não deve se estender para além de 20 ou 30 minutos ininterruptos”. Os intervalos são fundamentais para que descanse e possa voltar a se concentrar novamente. Na verdade, não há um relaxamento ou descanso no sentido do profissional se isentar de qualquer colaboração que seu parceiro necessite ou se ausentar do local de trabalho, ele continuará apoiando o intérprete de turno, porém, de forma discreta e com mais leveza, já que a responsabilidade total da interpretação agora é do colega. [...] o revezamento é necessário, pois após certo tempo o desempenho do TILS sofre uma queda considerável, e pode começar a não acompanhar corretamente o que está sendo dito, ele pode talvez passar a filtrar apenas algumas partes da mensagem. (SOUZA, 2017, p. 4).

Com isso, entender o processo pelo qual o intérprete educacional é inserido na FURB e mostrar como o trabalho em equipe pode ou não ajudar na compreensão e na atuação dos intérpretes educacionais é o intuito deste trabalho.

O trabalho em equipe dos ILS no Brasil é considerado pela maioria dos profissionais importante, uma vez que para interpretar de uma língua para outra por um longo período, é necessário revezamento e apoio. Esse trabalho se justifica devido a falta de importância da maioria dos ILS na área educacional (Ensino Superior) que na maioria das vezes atuam sozinhos nesse contexto. Intérpretes que sentem a importância do trabalho em equipe, muitas vezes os não conseguem argumentar ou dispor de condições para efetivar-se desse trabalho em equipe.

Uma das dificuldades que enfrentamos nessa pesquisa foi a falta de materiais, pesquisas, estudos que mostrem o trabalho em equipe dos ILS na área educacional. Ainda assim, entendemos que é uma pesquisa de suma importância para a atuação dos ILS nesse

contexto, pois pode abrir um leque de investigação e pesquisas, alcançando melhorias para equipe de trabalho e uma acessibilidade adequada para o estudante Surdo.

Para definirmos nosso campo de pesquisa, no capítulo I, no referencial teórico, abordaremos sobre os ILS, respondendo algumas questões inerentes a pesquisa: O que é traduzir e/ou interpretar? Quem é esse profissional? Como é a atuação dele? Como é a atuação desse profissional no ensino superior? Como é o trabalho em equipe desses profissionais? Existem meios para termos equipes de ILS no contexto educacional (Ensino Superior)? Essas questões são base para entendermos a atuação do profissional e entender se na FURB, esse trabalho funciona.

Depois disso, no segundo capítulo a metodologia usada na pesquisa será abordada. Descreveremos como foi realizada a pesquisa, e como será apresentada no trabalho. Além disso, falaremos sobre a universidade pesquisada, no caso, a FURB. Essa instituição é uma das maiores da região, com três *campi* na cidade, e muito procurada como instituição acadêmica. Os Surdos também procuram essa instituição, pois além de oferecer uma variedade de cursos, essa universidade é muito valorizada pela comunidade Surda da região. No ano de 2018 a FURB contava com 14 Intérpretes para uma demanda de 12 Surdos usuários de Libras (professores e alunos).

No capítulo III, é realizada a análise e apresentação dos dados, por meio de gráficos e relação com o referencial teórico. Com isso, apresentaremos a atuação dos intérpretes no ensino superior da FURB e analisaremos se a atuação relativa desses ILS pode ser considerada como uma atuação em equipe.

Nesse sentido, realizei uma pesquisa nas dissertações e teses que falam sobre intérpretes educacionais e equipes de intérpretes nesse contexto. Essa pesquisa foi realizada no repositório institucional da UFSC, no Levantamento nacional de pesquisas - “Revisão Sistemática e Meta-Análise das Pesquisas sobre Atividades de Intérpretes Educacionais em Escolas Inclusivas” - Dados de pós-doutorado da Prof. Dra. Neiva de Aquino Albres. Foram encontradas 27 dissertações e duas teses que falam sobre intérpretes no ensino superior. Sobre a equipe de ILS nesse contexto, nada foi encontrado. Tal resultado demonstra que o assunto carece de mais estudos e pesquisas, mostrando-nos campo fértil para investigações como o presente trabalho.

Para finalizar, nas considerações finais abordei a relevância da pesquisa realizada, e trouxe as condições para que o trabalho em equipe no contexto de ensino superior consiga ser realizado nas universidades e faculdades brasileiras.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, pretendemos referenciar os autores, as pesquisas e os documentos que tratam da função do ILS no contexto educacional do ensino superior, e abordaremos conceitos, estratégias, e colocações que na visão desses autores colaboram para um melhor trabalho em equipe dos intérpretes de Língua de Sinais.

1.1 Conceito de Trabalho em Equipe

Primeiramente, vamos apresentar um conceito sobre a terminologia *trabalho em equipe*. Segundo o dicionário online Michaelis (2020, não paginado), equipe significa: “Grupo de pessoas organizado para um serviço determinado”. Em outra fonte, *trabalho em equipe* significa, segundo o site significados.com:

O conceito mais amplo de trabalho em equipe está diretamente relacionado à capacidade que várias pessoas possuem para canalizar suas energias em prol de um objetivo maior e diretamente relacionado ao bem-estar da coletividade. [...] Em outras palavras, isso significa dizer que as pessoas que possuem habilidades relacionadas à troca de ideias, tolerância, capacidade de integração, espírito engajado costumam ser mais adaptáveis a situações que exigem ou necessitam do trabalho em grupo. (SIGNIFICADOS.COM, 2020, não paginado)

Sendo assim, as pessoas que trabalham em equipe precisam ter ciência de que estão trabalhando com outras pessoas e necessitam ter algumas habilidades como tolerância, capacidade de integração e espírito engajado para conseguirem uma boa relação com os outros membros dessa equipe. Em outras áreas do conhecimento como a da administração, por exemplo, o trabalho em equipe é essencial, pois as organizações necessitam que o trabalho seja realizado primordialmente em equipe para que o objetivo principal seja alcançado.

Segundo o site sbcoaching.com.br, o trabalho em equipe nas organizações é fundamental.

Trabalho em equipe é essencial para a obtenção de bons resultados em qualquer organização. [...] Obtenção de resultados, realização de objetivos, relação interpessoal construtiva e sucesso são algumas das vantagens em trabalhar em equipe. As empresas no mercado atual buscam, cada vez mais, um perfil profissional que saiba gerenciar essa habilidade. Pessoas que conseguem manejar o trabalho em equipe apresentam um alto nível de satisfação e ajudam na obtenção de resultados. O trabalho em equipe harmonioso resulta em maior rapidez e eficiência no ambiente corporativo. [...] Como desenvolver um produto ou oferecer o serviço normalmente envolve um leque enorme de especialidades e setores, é essencial que todos trabalhem em conjunto. (SBCOACHING, 2020, não paginado)

Para o site *significados.com* trabalhar em equipe faz os membros compartilharem conhecimentos individuais para o bem da equipe, somando habilidades e estratégias para que o objetivo seja alcançado. Um time de futebol, por exemplo, é muito difícil atingir o objetivo do gol, se apenas um jogador tenta fazer a bola ir para o fundo da rede. Quando há vários jogadores do mesmo time com o mesmo objetivo, cada um em sua função, isso se torna mais fácil.

Uma equipe pode ser formada por uma dupla, mas uma dupla não significa que seja uma equipe. Duplas de cantores trabalham em equipe, quando um colabora com o outro na sua função. No trabalho dos ILS é comum encontrarmos em contextos de conferência, político, entre outros a formação mínima de dupla. Mas será que se constitui uma equipe?

Nogueira e Gesser (2018, p. 123) comentam que “a interpretação em equipe acontece quando dois ou mais intérpretes trabalham em conjunto durante todo o evento interpretativo”. Trabalhar em conjunto requer planejamento e organização entre a dupla ou trio para preparar diferentes formas e estratégias de estudar o material previamente ou ainda antever possíveis problemas decorrentes das competências que ali estão em cena.

As pesquisas na área das equipes de ILS ainda são escassas, tendo como referência nesse tema o trabalho de dissertação de Nogueira (2016) que traz contribuições sobre o trabalho em equipe dos intérpretes de conferência, dentro da cabine. Por mais que a pesquisa se delimita em outro contexto, é a partir desse trabalho que começamos a pensar a equipe como importante no processo de interpretação.

Nogueira e Gesser (2018) destacam essa escassez: “Estudamos um tema ainda considerado novo, incipiente, com poucos estudos disponíveis na literatura especializada nacional e internacional” (NOGUEIRA; GESSER, 2018, p. 137).

1.2 O trabalho do Intérprete de Libras - Português

O trabalho do Intérprete segundo Marcon (2012),

[...] o profissional que interpreta e traduz a mensagem de uma língua para outra de forma precisa, permitindo a comunicação entre duas culturas distintas. Ele possui, assim, a função de intermediar a interação comunicativa entre o surdo e a pessoa que não usa a Libras. O intérprete, em situação face a face com o surdo, precisa dar conta de formular todas as informações que estão sendo discutidas. Essa condição vai marcar um momento de planejamento, ou seja, o modo como ele irá organizar todas as informações com base nas suas competências para poder transmiti-las na língua alvo. (MARCON, 2012, p. 238).

Esse trabalho é técnico, de transmitir a mensagem de uma língua para outra, de um determinado modo. Esse profissional precisa planejar sua interpretação, organizar antecipadamente isso e saber escolher os equivalentes necessários na língua alvo. Isso demanda experiência e formação, pois essa atividade é complexa.

O trabalho desse profissional se dá em duas línguas, a língua portuguesa e a Libras que é uma língua visual-espacial², com uma estrutura, uma gramática própria, e é usada, em grande maioria, para a comunicação da comunidade Surda, como sua língua materna (L1) (QUADROS, 2003). A Interpretação de Libras para Português, ou vice e versa é realizada através de duas modalidades uma vez que a Libras é visual-espacial e português é oral-auditiva.

Além disso, Albres (2015, p. 70) relata que o ILS está “envolvido no dialogismo (diálogo entre discursos)”, pois esse profissional dialoga com o discurso do locutor, com suas experiências e produz um novo discurso para a pessoa surda (ALBRES, 2015). Com esses elementos o trabalho desse profissional é, como explícito por Souza (2017), árduo e de muita responsabilidade:

O Tradutor Intérprete da Língua de sinais, no Brasil, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) atua em constante interação comunicativa sociocultural com os sujeitos surdo/ouvinte. No processo de atuação profissional, o intérprete ouve/visualiza o enunciado, compreende, ressignifica, interpreta e transmite para o surdo/ouvinte, entretanto, o processo não é tão simples assim. O mesmo processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas para a língua alvo. Esse processo objetiva aproximar-se a compreensão dos sujeitos envolvidos, norteados pelas informações dadas pelo primeiro locutor. Portanto, o ato da tradução leva o referido profissional à necessidade de habilidade nas duas línguas envolvidas, levando em consideração as normas gramaticais de cada língua e a esfera social em que acontece o enunciado (SOUZA, 2017, p.3).

Muitos aspectos envolvem a língua de sinais, o trabalho desse profissional e a interpretação envolvida nessas línguas. A habilidade e a competência tradutória que esse profissional exerce é de suma importância para a acessibilidade comunicacional entre ouvintes e surdos. Dentre as atividades de um profissional está a tradução e a interpretação. Existem vários quesitos que diferem a *tradução* e *interpretação* de língua de sinais, e um dos principais é, segundo Santiago (2013), quando realizamos uma tradução na língua de sinais, temos tempo para estudar os termos da língua fonte; podemos pensar, repensar a tradução;

² Para Quadros (2003), “língua visual-espacial é destinada a línguas que usam o canal visual para se comunicar, e o espaço para realizar os sinais, e conseguir essa comunicação”.

organizar a tradução; criar glosas; e principalmente se faz um registro do que é traduzido. Já a Interpretação é algo ocorrido na hora, de forma imediata.

Ou seja, enquanto uma pessoa reproduz o texto fonte, há a interpretação para língua de sinais ao mesmo tempo; não há tempo para fazer glosas, ou pesquisar terminologias durante a interpretação; e principalmente, quando presencialmente, é difícil haver registro. Sabemos que hoje, com a pandemia, aulas podem ser gravadas e com isso o registro pode acontecer, o que nos traz outras perspectivas.

A tradução é algo mais elaborado, com tempo de ser discutido e estudado e tem registro. Um exemplo de tradução são livros de autores de outros países, que precisam ser traduzidos para o português, ou filmes que precisam de legendagem/dublagem ou tradução para *Voice Over*.³ Essas traduções precisam levar em conta a língua fonte e a língua alvo, as culturas envolvidas com essas línguas, jargões, e metáforas que podem existir em uma língua e em outra não.

Já no ato interpretativo, não há tempo, nem condições, para discutir com colegas, analisar glosas, ou dicionários, e muitas vezes não há registro. Essa atuação acontece em congressos, encontros, conversas com estrangeiros com presença de intérprete, etc; e devem como na tradução, levar em consideração aspectos culturais, linguísticos, semânticos e pragmáticos. Quando falamos em equipe de interpretação, já delimitamos o foco deste estudo, e com isso a tradução não será abordada neste trabalho.

A interpretação pode ocorrer de três modos: interpretação consecutiva; interpretação simultânea; e interpretação intermitente; cabendo ao intérprete a decisão melhor adequada frente ao contexto a ser interpretado. Segundo Pagura (2003, p. 211), a interpretação consecutiva é “aquela em que o intérprete escuta um longo trecho de discurso, toma notas e, após a conclusão de um trecho significativo ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo, normalmente a sua língua materna”. Nesse modo, o intérprete espera até o final da sentença para fazer a interpretação.

Tradução-interpretação consecutiva - É o processo de tradução interpretação de uma língua para outra que acontece de forma consecutiva, ou seja, o tradutor-intérprete ouve/vê o enunciado em uma língua (língua fonte), processa a informação e, posteriormente, faz a passagem para a outra língua (língua alvo). (QUADROS, 2003, p. 11).

³ Voice-over é uma técnica de tradução audiovisual na qual, ao contrário da dublagem, as vozes dos atores são gravadas sobre a faixa de áudio original que pode ser ouvida em segundo plano.

A interpretação simultânea é feita ao mesmo tempo, enquanto o locutor fala a interpretação é realizada. Pagura (2003) explicita que nas línguas orais essa

[...] modalidade, os intérpretes – sempre em duplas – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido. Ao processar a mensagem, re-expressam-na na língua de chegada por meio de um microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis [...] (PAGURA, 2003, p. 211).

De acordo com o autor, essa modalidade de interpretação “não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão” (PAGURA, 2003, p. 211-212). Na presente pesquisa, nós chamamos esse espaço de tempo de *Delay*. Essa modalidade também pode ser usada no modo “cochichada” onde o intérprete faz a interpretação perto da pessoa que não conhece a língua fonte.

De língua oral para língua de sinais, a interpretação não é influenciada pela mesma modalidade (oral-auditiva ou visuo-espacial), isso colabora para que o intérprete consiga fazer a interpretação simultânea, pois está trabalhando com modalidades diferentes. Quadros (2003) complementa:

Tradução-interpretação simultânea - É o processo de tradução interpretação de uma língua para outra que acontece simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo. Isso significa que o tradutor-intérprete precisa ouvir/ver a enunciação em uma língua (língua fonte), processá-la e passar para a outra língua (língua alvo) no tempo da enunciação. (QUADROS, 2003, p.11)

Sobre isso, Nogueira (2016) afirma que o profissional que enfrenta essa modalidade de interpretação, isto é, simultânea precisa ter conhecimentos mais aprofundados para uma melhor atuação.

essa modalidade de interpretação exige do intérprete um excelente conhecimento geral, uma excelente proficiência na compreensão e na produção das línguas envolvidas e habilidades, como a capacidade de coordenar o ouvir e o falar ao mesmo tempo. [...] Uma das características da interpretação simultânea é a de lidar com essas variáveis que podem aparecer durante a interpretação. O imediatismo é uma das principais propriedades desse modelo de interpretação e, ao contrário da consecutiva, não há pausas: a pessoa que fala segue seu discurso em um fluxo contínuo enquanto a interpretação está acontecendo. (NOGUEIRA, 2016, p. 78-79).

Pagura (2003) comenta que nas línguas orais a interpretação consecutiva serve de base e de estudo para a interpretação simultânea. Em minha vida profissional, e atuando como

presidente da Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais - ACATILS , os relatos dos ILS trazem o oposto para esse profissional.

Na interpretação para língua de sinais, que é a segunda língua para a maioria dos intérpretes, a interpretação sempre foi simultânea, e/ou quase nunca se usou a interpretação consecutiva na prática desses profissionais. Quanto à interpretação intermitente segundo Pagura (2003):

É vista mais freqüentemente em reuniões nas quais se pede a uma pessoa que fala as duas línguas, via de regra sem qualquer treino em interpretação, para que se coloque ao lado de um palestrante estrangeiro e traduza o que ele está dizendo. O palestrante fala uma ou duas frases curtas e faz uma pausa para que as suas sentenças sejam traduzidas para o idioma da platéia. Esse processo centra-se basicamente na tradução das palavras ditas, sem levar em conta diversos outros fatores importantes no processo interpretativo, seja pela própria natureza da situação ou, muito comumente, pela falta total de treino da pessoa colocada na posição de “intérprete”. (PAGURA, 2003, p. 212).

Comum nas línguas orais, há intérpretes de língua de sinais iniciantes que fazem uso dessa modalidade de interpretação, pois como colocado pelo autor, muitas vezes quem atua nessa especificidade são pessoas que são colocadas nessa função. Em nossa pesquisa, a modalidade pesquisada será a interpretação simultânea.

O profissional que faz a interpretação, além de ter muitas habilidades para conseguir realizar uma interpretação simultânea, com "imediatismo" citado por Nogueira (2016), precisa entender que não irá fazer uma interpretação com uma simultaneidade perfeita. Com o uso do *delay*, o intérprete entende e raciocina o que está sendo dito, e aí sim interpreta, entendendo o sentido do que se está falando.

Além disso, quando falamos de tradução ou interpretação para línguas orais, devemos lembrar que elas pertencem à mesma modalidade: oral-auditiva. A tradução ou interpretação de uma língua oral para uma língua de sinais acontece em duas modalidades: de oral-auditiva para visual-espacial ou de visual-espacial para oral-auditiva. Com isso, quando as modalidades são diferentes, a interpretação simultânea acontece com mais fluidez, pois não há o canal sonoro da própria voz, atrapalhando o intérprete.

Souza (2017) relata que o profissional intérprete de Libras, tem uma grande responsabilidade no seu trabalho:

O profissional TILS, não tem apenas a responsabilidade de ter fluência nas duas línguas, esse é apenas um dos requisitos para ser um profissional competente, considerando, que o mesmo trabalha com idiomas gramaticalmente distintos e com modalidades diferenciadas. A Libras é um sistema linguístico de comunicação viso-espacial, e o português é oral-auditivo, portanto, é necessário que esse profissional tenha conhecimento referente as especificidades socioculturais das línguas em

questão e que tenha consciência da sua capacidade (competência tradutória) e não aceite trabalho que não seja capaz de executar com qualidade. (SOUZA, 2017, p. 7).

Muitos intérpretes iniciantes sentem o peso dessa responsabilidade quando estão atuando, e se estão sozinhos acabam muitas vezes se perdendo na interpretação. Nesse ponto trazemos novamente a importância do trabalho em equipe, em apoiar o ILS para continuar a interpretação, em dar sinais ou frases para que esse intérprete consiga continuar com o discurso, em se for preciso, trocar rapidamente com o profissional para que o discurso não se perca. Sobre o ato interpretativo, Quadros (2003, p. 27) afirma que:

[...] é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. O intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos.

Esse processo, portanto, envolve duas ou mais línguas, aspectos técnicos que envolvem a interpretação, e outros aspectos como o cultural, por exemplo. Isso nos mostra o quão complexo é esse trabalho, uma vez que o profissional responsável pela interpretação deve conhecer todos esses aspectos, e entender o contexto pelo qual está atuando. “[...] verifica-se que o trabalho deste profissional não é, simplesmente, uma transposição linguística. Envolve, enunciados diferentes, culturas, ideias, identidades e, logo, a relação entre o eu e o outro, isto é, entre os sujeitos discursivos ” (SOUZA, 2017, p. 3).

Além disso, existem códigos de ética que falam sobre a atuação desses profissionais, e como devem se relacionar e aceitar seus trabalhos. O código mais recente, amplamente utilizado pelos profissionais e pelas associações de profissionais intérpretes do Brasil é o código de conduta e ética da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia intérpretes de Línguas de Sinais (FEBRAPILS) de 13 de abril de 2014.

Nesse código de conduta e ética dos intérpretes de Libras e também dos guaiintérpretes, estão envoltas muitas questões como os princípios da profissão; o respeito com colegas de profissão; a aceitação ou não de trabalhos, e suas consequências; suas responsabilidades; seus vetos; e outros. É de suma importância que o ILS conheça esse e

outros códigos de ética que achar importante, a fim de profissionalizar sua prática de trabalho, seja individualmente ou em equipe.

A profissão de intérprete de Libras começou a ter maior visibilidade como profissão depois da publicação do decreto 5626/05 no Brasil. Antes disso, o ILS era uma pessoa que "ajudava" os Surdos, voluntariamente, e com isso não era valorizado como profissional. Com esse decreto, a criação dos cursos de Letras Libras Licenciatura e Bacharelado que iniciaram na UFSC em 2006 e 2008 respectivamente, e posteriormente a Lei 12.310/10 que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Libras, o intérprete conquistou status de profissional e, com isso, aumentou o seu empoderamento.

1.3 O Intérprete no Contexto Educacional

Uma das áreas onde esses intérpretes começaram a trabalhar e receber para isso foi na educação. Como a área educacional é onde os intérpretes mais atuam, os ILS começaram a ser alvo de pesquisas na nessa área, e assim as pesquisas no contexto educacional (Lacerda, 2002; 2006; 2015; Quadros, 2004; Lodi, 2006; Albres, 2015; Santa Catarina, 2013; Rodrigues, 2013; Souza, 2017 entre outros), sobre os ILS só aumentam, trazendo subsídios para um melhor aperfeiçoamento desse profissional nas escolas e instituições de ensino, que, segundo a legislação vigente, precisam ter esse funcionário no seu quadro de profissionais:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, [...]. Parágrafo único: É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência [...]. Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: [...] XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio. [...] § 1º. Às instituições privadas, de qualquer nível e modalidade de ensino, aplica-se obrigatoriamente o disposto nos incisos [...] XI [...] do caput deste artigo, sendo vedada a cobrança de valores adicionais de qualquer natureza em suas mensalidades, anuidades e matrículas no cumprimento dessas determinações. (BRASIL, 2015, não paginado).

Sabemos que além de ter uma base legal para uma atuação do intérprete educacional, que segundo o que é citado acima, é necessário assegurar o direito das pessoas Surdas de terem acesso à informação na sua língua materna. O ILS tem um importante papel na educação desses estudantes Surdos, pois além de mediar às comunicações entre professor e colegas, em alguns casos, também serve de modelo linguístico para tal pessoa. .

Quadros (2003, p. 79) comenta o trabalho árduo desse profissional: "O trabalho desse profissional não se limita interpretar palavras e sentenças, mas requer esforço físico e mental, conhecimento das línguas em questão e outras habilidades específicas do ato de interpretar". Ou seja, o trabalho do intérprete de Libras em contexto educacional traz especificidades e colocações que vão muito além do ato interpretativo de passar a informação de uma língua para outra.

Nas escolas e nas universidades o papel desse profissional vai muito além de só interpretar. Albres (2015) aponta diversas vezes a dificuldade que o ILS enfrenta na interpretação educacional.

O intérprete educacional, no espaço de sala de aula, está embebido de seus pensamentos influenciados pelo contexto social da inclusão, das dificuldades que enfrenta diariamente, do discurso dos surdos, da tarefa de fazer valer o respeito à diferença linguística. [...], interpretar não seria apenas o ato de passar de uma língua para outra, mas de fazê-lo em uma situação concreta envolvida ideologicamente. (ALBRES, 2015, p. 71).

Esse processo de interpretação, dentro de uma sala de aula, é desafiante, pois fazer parte do ensino-aprendizagem de um estudante requer muita responsabilidade e consciência da função exercida. Devemos lembrar que no contexto educacional o ILS pode trabalhar nos vários níveis de formação de um estudante Surdo, desde as séries iniciais do ensino fundamental, até a um doutorado. ILS que trabalham várias horas por dia em diferentes níveis de ensino, de manhã no ensino fundamental e a noite na universidade, por exemplo, precisam saber lidar com o nível linguístico que estão atuando e muitas vezes isso é despercebido. Lodi e Lacerda (2014) afirmam que:

É importante esclarecer que há muitas diferenças nos processos de inserção do intérprete de língua de sinais em uma sala do ensino superior ou ensino médio e em uma sala de ensino fundamental ou infantil. A principal delas se refere à idade do aluno, pois nas séries iniciais a criança encontra-se ainda em formação, ou seja, sua relação com o conteúdo que lhe é ensinado e também com o intérprete é diferenciada, quando comparada a de um aluno mais amadurecido, que já tem vários de seus processos pessoais melhor consolidados. Além disso, nas séries iniciais; o aluno está constituindo aspectos fundamentais de sua identidade e de sua sociabilização (SOARES; LACERDA, 2004), além do trabalho com conceitos acadêmicos que servirão como base para a continuidade de seus estudos, apontando também para a necessidade de aprofundar pesquisas nesse campo (LODI; LACERDA, 2014, p. 70).

Identificar como é o trabalho em diferentes níveis, percebendo a maturidade ou não do estudante Surdo, faz com que o profissional ILS consiga diferenciar sua atuação, melhorando a comunicação e articulando melhor com os professores as melhores estratégias de ensino.

Isso pode influenciar o ensino superior, uma vez que na trajetória acadêmica, esse estudante irá depois do ensino básico, tentar uma formação. Mesmo assim, Albres e Rodrigues (2018) destacam que há intérpretes que não compreendem essa diferenciação linguística, o que é preocupante:

[...] falta de diferenciação da atuação dos IE nos diferentes níveis de ensino, já que essa atuação difere consideravelmente na educação infantil quando comparada à atuação no ensino fundamental ou médio, por exemplo. Albres (2016) explica que quanto maior o nível de ensino e a maturidade da pessoa surda, a atividade do IE estará mais focada em aspectos interpretativos, e quanto menor a criança mais direcionada à sua condição linguística, social ou cognitiva, a qual demandará atividades complementares por parte do IE.(ALBRES; RODRIGUES, 2018, p. 20).

Esse profissional precisa ter fluência na língua alvo e fonte, conhecer as especificidades da tradução e da interpretação, e se aproximar da cultura Surda. Todos esses elementos somam favoravelmente ao trabalho em equipe. Nesse sentido, quando os intérpretes não têm conhecimento sobre um desses três aspectos perante o estudante Surdo, há uma defasagem de conhecimento e aprendizagem adquirida pelo estudante, que pode o prejudicar.

Há o entendimento do surdo de que ele possa ser prejudicado em decorrência de um vocabulário mal empregado pelo intérprete, ou um tom discursivo inapropriado, o que realmente tem fundamento. Acrescenta-se ainda que esses profissionais são bastante críticos em relação à postura do intérprete que chama a atenção indevida para si ou que queira tomar a posição que o próprio surdo está ocupando. Percebe-se, no entanto, que vários professores surdos têm uma preocupação sincera e real com os intérpretes que os vão traduzir em sala de aula, em reuniões e em conferências, e fazem pertinentes intervenções junto a esse profissional, o que muito contribui para sua formação. (MASUTI; PATERNO, 2011, p. 27).

Os profissionais devem refletir sua atuação no contexto educacional, compreendendo a interpretação mais coerente no determinado contexto, e pensar na qualidade dessa atividade, para que os Surdos se empoderem dos conhecimentos necessários para sua formação, para que os ILS sejam valorizados e o serviço seja de qualidade. Muitas vezes o ILS é visto como professor do aluno Surdo, pois ele é um dos “agentes das relações sociais da escola” (ALBRES, 2015, p. 28), e confundido por colegas professores, direção e alunos, como um professor na sala, exclusivo para o aluno com Surdez. “Em uma leitura de cultura escolar, o grupo de professores desenvolve a cultura docente, consideramos o intérprete como novo agente a se enquadrar nesse grupo, visto que atua diretamente com o alunado” (ALBRES, 2015, p. 28).

Orientar, explicar, e mostrar qual é sua função, através de leis, pesquisas e livros de autores da língua de sinais, é um requisito para esse profissional atuar no contexto educacional, pois se aceitar o papel de professor do aluno com Surdez, vai acabar se frustrando e muitas vezes desistindo de atuar como intérprete educacional. A área da educação é muito complexa, e tem vários fatores que podem comprometer, ou não, a boa atuação do intérprete. Alguns fatores segundo Masuti e Paterno (2011) são: idade do aluno surdo; nível de escolarização desse aluno; a modalidade de ensino; como é a turma; a formação do próprio intérprete; e outras.

Segundo a legislação nacional o direito de estudantes surdos deve ser respeitado e garantido:

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. § 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no caput, as instituições federais de ensino devem: I - promover cursos de formação de professores para: a) o ensino e uso da Libras; b) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa; e c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas; II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos; III - prover as escolas com: a) professor de Libras ou instrutor de Libras; b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa; c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade lingüística manifestada pelos alunos surdos; IV - garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização; V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos; VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa; VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos; VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva. [...] § 3º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar atendimento educacional especializado aos alunos surdos ou com deficiência auditiva. (BRASIL, 2005, não paginado).

Infelizmente vários dos requisitos básicos descritos na legislação não foram/são contemplados para uma melhor educação dos Surdos brasileiros e isso impacta na atuação profissional e no trabalho em equipe dos ILS. Mesmo diante de todas as garantias, a

legislação não explicita o trabalho em equipe, e conseqüentemente esse trabalho não é assegurado como um benefício ao usuário Surdo.

Contudo, no mesmo documento é indicado que os ILS trabalhem no ensino fundamental II, no ensino médio e no ensino superior, uma vez que no ensino fundamental I, a legislação prevê classes de aulas bilíngues (BRASIL, 2005). Albres (2015, p. 36) enfatiza que não é isso o que ocorre na prática: “Todavia, não é isso que ocorre na prática, intérpretes educacionais passam a ser contratados para níveis mais básicos da educação, ou seja, desde a educação infantil sem se considerar programas de educação bilíngue; indicados também nos documentos oficiais para esse nível de ensino”.

O Art. 14 do decreto nº 5626/05 mostra que o importante é o acesso à educação dos discentes surdos. Isso significa que legalmente não há nada que impeça a contratação de mais um ILS para um trabalho em equipe nesse contexto (BRASIL, 2005). Nesse sentido, a atuação de uma equipe de ILS em sala, está atrelada a um movimento reflexivo aos gestores e contratantes de intérpretes, bem como, dos próprios intérpretes de exigirem melhores condições de trabalho.

Além disso, as funções desse profissional em Santa Catarina estão bem delimitadas segundo algumas orientações disponíveis em um livro produzido pelo estado, em parceria com a Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE):

[...] atribuições do atual intérprete educacional [...]: responsável pela interpretação de todas as atividades e eventos de caráter educacional, nas turmas mistas das séries finais do ensino fundamental e ensino médio, bem como nas modalidades da EJA, educação profissional e educação indígena. Atribuições [...]: Estabelecer comunicação necessária à participação efetiva do aluno; trocar informações com o professor, relativas às dúvidas e necessidades do aluno, possibilitando ao professor regente a escolha de estratégias de ensino e aprendizagem; estudar o conteúdo a ser trabalhado pelo professor regente, para facilitar a tradução da LIBRAS no momento das aulas e atividades escolares; participar da elaboração e avaliação do Projeto Político Pedagógico; participar de estudos e pesquisas na sua área de atuação, mediante projetos previamente aprovados pelo SED. (SANTA CATARINA, 2013, p. 18.)

Devemos lembrar e relembrar que o intérprete educacional, não é professor, e nem um auxiliar de sala. Esses profissionais têm funções que envolvem muita formação e conhecimento de estratégias de tradução e interpretação.

O professor é o responsável pelo aluno, é ele quem adapta, organiza, busca estratégias de ensino; o intérprete é quem interpreta, passa a informação de uma língua fonte para uma língua alvo, serve de mediador entre uma parte e outra, e pode dar dicas de apoio ao

professor, para um melhor trabalho. “Não se trata de ocupar o lugar do professor ou de ter a tarefa de ensinar, mas sua atuação em sala de aula, envolvendo tarefas educativas certamente o levará a práticas diferenciadas, já que o objetivo desse espaço não é apenas o de traduzir, mas também o de favorecer aprendizagem por parte do aluno surdo” (LACERDA, 2015, p. 33).

No ensino fundamental séries finais é recorrente o aluno chegar com defasagem linguística, pois não aprendeu direito a sua língua materna, não teve acesso a língua de sinais nas séries iniciais, e muito menos a sua segunda língua. Com isso, o intérprete tenta realizar uma interpretação com menos datilologia, usando o máximo de classificador possível, mas ainda assim, os conteúdos são cada vez mais complexos, e muitas vezes esse intérprete é inexperiente e não sabe como lidar com essas situações, assumindo essa responsabilidade da docência.

[...] é importante que este intérprete tenha preparo para atuar no espaço educacional também como educador, atento às dificuldades, mediando e favorecendo a construção dos conhecimentos. Não se trata de o IE substituir o papel do professor. O professor é responsável pelo planejamento das aulas, por dedicar quais são os conteúdos adequados, pelo desenvolvimento e pela avaliação dos alunos, todavia o IE conhece bem os alunos e a surdez e pode colaborar com o professor sugerindo atividades, indicando processos que forem mais complicados, trabalhando em parceria, visando uma inclusão mais harmoniosa dos alunos surdos. (LACERDA, 2015, p. 35).

Vale salientar que políticas públicas devem ser realizadas na prática e os ILS precisam de formação adequada para trabalhar nesse contexto. Entender esses aspectos fazem com que esse profissional se sinta seguro ao explicar para o professor, por exemplo, que esse aluno é de responsabilidade do professor. Quando o aluno chega no Ensino Médio, muitas vezes, através do contato diário com a comunidade Surda, adquire a língua de Sinais, mas não consegue acompanhar o conteúdo, e muitos, não conhecem a segunda língua (português). Nessa situação, o intérprete até consegue fazer uma interpretação mais adequada ao Ensino Médio, mas precisa em muitos casos, explicar sinais ou contextos que deveriam ser adquiridos no ensino básico, fundamental.

1.4 O Intérprete educacional na Instituição de Ensino Superior

No âmbito de conciliar nossa pesquisa, no ensino superior, precisamos lembrar que o Surdo está cada vez mais entrando nas universidades e buscando seu espaço.

Nos últimos 10 anos, a partir do Decreto 5626/2005, viu-se um crescimento exponencial do número de surdos que frequentam a universidade. [...] O referido decreto subsidiou a conquista de um espaço que outrora foi pouco frequentado por pessoas surdas. Muitos surdos, que tiveram acesso aos cursos universitários antes da lei, relatam que dependiam da ajuda dos professores e colegas, ou intérpretes voluntários que se dispusessem a acompanhá-los em sala de aula. Quando não havia intérprete, isto é, na maioria das vezes, os surdos criavam estratégias, construindo uma rede de apoio em torno de si para que sua formação fosse possível. Após a lei [...] foram outros os problemas encontrados, principalmente em relação à definição do papel profissional do TILS que, deixando de ser alguém que dedicava seu tempo livre em ajudar as pessoas surdas, fossem parentes ou amigos, agora passam a ser profissionais, recebendo salário, mantendo uma ética profissional, devendo ter uma formação específica. [...]. (DINARTE, RUSSO, 2015, p. 183-184).

Nos últimos anos vivenciamos essa realidade mais de perto, vendo também esses surdos alcançando o mestrado, doutorado, etc. Mas, há universidades que estão mais adiantadas nisso, e outras não, como explica Dinarte e Russo (2015, p. 183):

Algumas universidades estão mais adiantadas em relação ao acesso de alunos surdos, seja por terem iniciado esse processo há mais tempo ou pelo fato de a acessibilidade ser uma política institucional mais consolidada. Existem instituições de ensino superior que possuem dezenas de alunos surdos, entre graduação e pós-graduação, ao passo que, em outras, existem TILS contratados, mas não há sequer um aluno surdo matriculado.

Chegando no Ensino Superior, o esforço do aluno Surdo é muito superior aos alunos ouvintes, pelo contexto explicado anteriormente, esse aluno muitas vezes precisa aprender, ainda, o português para conseguir estudar e fazer trabalhos universitários, e muitas vezes, a universidade não dá esse suporte necessário ao agora universitário.

Depois do decreto 5626/2005, houve também outros problemas que precisavam ser abordados, principalmente em relação a função desse profissional. Dinarte e Russo (2015, p. 183) relatam essa dificuldade.

Após a lei, [...] foram outros os problemas encontrados, principalmente em relação à definição do papel profissional do TILS que, deixando de ser alguém que dedicava seu tempo livre em ajudar as pessoas surdas, fossem parentes ou amigos, agora passam a ser profissionais, recebendo salário, mantendo uma ética profissional, devendo ter uma formação específica.

O profissional intérprete faz uma interpretação a nível de ensino superior, mas as dificuldades da segunda língua, fazem com que ele precise traduzir textos, e até redigir trabalhos que alunos gravam em Libras, para poder entregar aos professores, e esse trabalho, muitas vezes, não está previsto na sua carga horária, e/ou no seu contrato de trabalho. Esses profissionais ainda trabalham sozinhos, sem nenhum auxílio.

Além disso, as dificuldades que ocorrem nos níveis anteriores, como a relação com o professor, aparecem mais destacadamente no ensino superior.

[...] o principal ponto alarmante refere-se à instituição de ensino que, por vezes, credita a responsabilidade do processo de aprendizagem do aluno surdo somente ao intérprete, por este ser o vínculo em sala de aula mais próximo do surdo. Muitas vezes, em face do desconhecimento, a aproximação e a relação professor-aluno ficam limitadas. De fato, não se pode generalizar a todos os educadores, porém, um grande percentual ainda defende tal ideia. Sabe-se que, vários dos aspectos mencionados são recorrentes em todos os níveis de ensino, todavia, no ensino superior, estes se agravam, uma vez que, a própria dinâmica universitária colabora para que haja este distanciamento entre professor e aluno surdo. (SILVA, 2013, p. 85).

Entender essas questões, como trazido anteriormente em Albres (2015), é de suma importância para as instituições de ensino.

Em um artigo de Souza (2017, p. 07) sobre a atuação de equipe de Intérpretes, a autora afirma: “Foi frustrante, ouvir que os profissionais reconhecem a fragilidade e deficiência da sua atuação por falta de tempo para fazer um estudo prévio do material (conteúdo) a ser interpretado e por atuarem sozinhos, ato que causa um cansaço físico e mental que causam falhas na interpretação”.

Nesse contexto, o ideal seria que os ILS educacionais com mais formação e experiência fossem trabalhar no ensino fundamental, séries iniciais, onde poderiam usar toda a experiência e formação auxiliando o professor titular e o professor de Libras na formação básica da criança Surda. Mas, infelizmente, não há incentivos dos governantes para que isso ocorra, e falta conhecimento dos contratantes acerca da especificidade linguística dos estudantes surdos. Albres (2015) relata que

é preciso desenvolver estudos de casos, procurando compreender as diferentes possíveis formas de interpretação dos diferentes níveis de ensino, considerando as condições linguísticas e de estrutura dos ambientes educacionais. Focalizar a prática dos intérpretes abrangendo as características dessa língua e suas particularidades discursivo-enunciativas, descrever as práticas que melhor permitem/favorecem a construção de conhecimentos pelos alunos surdos. (ALBRES, 2015, p. 63).

Perante o exposto pelos autores (Albres, 2015; Lacerda, 2015 e Nogueira, 2016, dentre outros) o ILS deve possuir formação específica na área, mesmo que esteja atuando na base da educação ou no ensino superior.

Além da formação e do nível educacional que o intérprete trabalha, outro quesito importante para uma melhor atuação, principalmente nesse contexto, é a relação professor-

intérprete, que deve ser atrelado como uma parceria entre ambos. O desafio consiste em, por parte do professor, apresentar uma aula com qualidade para os estudantes ouvintes e surdos, levando em consideração toda a especificidade linguística e cultural do sujeito surdo.

Portanto, não é somente a competência referencial que abarca as necessidades desse profissional:

Os discursos que remetem o intérprete de Libras/Português no meio educacional como se apenas a competência referencial respaldasse a formação deste profissional não se sustentam de forma satisfatória. Nenhum dos campos (*comunitário; jurídico; entre outros*) deve manter a exclusividade discursiva, legal ou de formação deste profissional, mas ao contrário, que os campos possam buscar formas de articulação para alavancar a formação nacional e a atuação profissional desta categoria. (SANTOS *apud* ALBRES, 2015, p. 127).

O contexto educacional é desafiador e o intérprete educacional se depara com diversas situações que exigem dele uma postura e resposta imediatas. Assim, os ILS na educação precisam empregar diversas estratégias interpretativas, didáticas e interpessoais relacionando-se diretamente com o trabalho desenvolvido na equipe.

1.5 A Equipe de ILS e a Possível Atuação Dessas Equipes na Instituição de Ensino Superior

Em outros contextos, como político, de conferência e artístico, vivenciamos a prática de equipes de intérpretes. Nogueira e Gesser (2018) relatam isso: “o contexto de conferência é um espaço em que se torna mais recorrente a interpretação em equipe se comparada com os demais contextos”. (NOGUEIRA; GESSER, 2018, p. 143). Esses ILS que atuam no contexto de conferência, quase sempre trabalham em duplas fazendo um trabalho em equipe, revezando, onde um trabalha 20min (turno), enquanto outro fica no apoio, colaborando com a atuação do intérprete do turno. Nogueira (2016) comenta sobre isso:

[...] ambos os intérpretes estão atuando. O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara. (NOGUEIRA, 2016, p. 87).

Esse trabalho, de apoio, costuma funcionar quando se têm uma equipe formada, e quando os membros dessa equipe estão engajados em levar um trabalho qualificado. Muitos intérpretes chegam até mim através da ACATILS e relatam sobre trabalhos onde o intérprete que não está no turno de interpretação fica olhando o celular, descansando, ou simplesmente de ausenta do local de atuação. Quando isso ocorre, entendemos que o que está ocorrendo é um revezamento, onde um está no turno e outro descansando. Nogueira e Gesser (2018) comentam que:

o colega que assume a função de apoio não descansa enquanto o colega está no turno interpretando, e, portanto, permanece atento de forma corresponsável com a interpretação em curso. Nesse sentido, em conformidade com os modelos apresentados, a postura dos membros da equipe, a nosso ver, definirá significativamente a forma como atuarão. (NOGUEIRA; GESSER, 2018, p.135).

Portanto os membros da equipe que vão definir se há mesmo uma equipe de interpretação atuando, ou se é simplesmente uma dupla revezando. Isso precisa ficar claro entre os profissionais da área, pois quando há a necessidade de se trabalhar dessa forma, precisamos ter a compreensão, atenção e contribuição do nosso colega.

Nesse sentido, precisamos pensar na equipe de intérpretes educacionais dentro das universidades, pois quando uma equipe está envolvida para conseguir realizar um trabalho de qualidade para os clientes Surdos, significa que há acessibilidade comunicacional na instituição.

Pensando na educação, a contratação é na maioria das vezes semestralmente; anualmente; e/ou por dois anos, isso faz com que os intérpretes atuem sozinhos. No site da Federação Brasileira das Associações de Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS) há uma nota técnica (02/2017) que fala sobre o trabalho da equipe de intérpretes. Sobre a atuação dessa equipe o documento relata:

Entende-se que uma interpretação e/ou guia-interpretação em equipe ocorre quando dois ou mais intérpretes e/ou guias-intérpretes estão responsáveis pela atividade comunicativa entre pessoas que desconhecem uma das línguas. Os membros da equipe alternam-se nas funções durante o ato interpretativo, isto é, enquanto um está no turno da interpretação o outro está na função de intérprete de apoio se mobilizando para oferecer suporte ao colega. (FEBRAPILS, 2017, p. 1-2).

Nesse sentido podemos destacar que o intérprete, quando trabalha em equipe, faz um trabalho colaborativo, como o time de futebol que quer chegar ao gol ou a equipe da empresa que precisa chegar no objetivo. Esses profissionais podem combinar anteriormente como cada

um gosta do acesso a informação do apoio, podem se preferirem, tomar notas, e/ou fazer uso de tecnologias para ajudar na atuação.

Souza (2017, p. 2) comenta que vários ILS, que trabalham muito tempo sozinhos, no ato interpretativo têm um cansaço físico e mental além do normal: “muitos profissionais intérpretes atuam sozinhos por muitas horas diárias, causando, assim, um cansaço físico e mental desse profissional reduzindo a qualidade do seu trabalho e causando assim prejuízo nas informações passadas para seu interlocutor.”.

Isso ocorre muito com intérpretes educacionais que trabalham mais de 40 horas semanais em sala de aula, muitas vezes pela falta de outros profissionais nessa área. O esforço físico pode causar lesões, e segundo a nota técnica da FEBRAPILS (2017), não deve ser aceito, pois segundo a norma regulamentadora de ergonomia publicada pelo Ministério do Trabalho (NR17–Ergonomia), que fala sobre o trabalho repetitivo e de extremo cansaço físico e mental, deve haver intervalos de descanso neste trabalho:

A atuação do intérprete e do guia-intérprete na interpretação simultânea e consecutiva por longos períodos de tempo o expõe a sobrecarga de trabalho, podendo resultar em lesões físicas por esforço repetitivo. A Norma Regulamentadora – Ergonomia publicada pelo Ministério do Trabalho (NR17–Ergonomia) em 1990, que visa regulamentar e estabelecer parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, de modo a proporcionar um máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente, estabelece no item 17.6.3 que devem ser incluídas pausas, “nas atividades que exijam sobrecarga muscular estática ou dinâmica do pescoço, ombros, dorso e membros superiores e inferiores”. Esse intervalo deve ocorrer quando os intérpretes atuam em equipe e realizam o revezamento na produção da interpretação. (OLIVEIRA; ROSA; SANTIAGO, 2009; BRAGA; TRINDADE, 2007; GABRIAN; WILLIAMS, 2009 *apud* FEBRAPILS, 2017, p. 2).

As doenças causadas pelo esforço repetitivo são relatadas por intérpretes em vários níveis de ensino. Na introdução relatei a experiência que vivi, vendo uma colega de profissão trabalhar por horas sozinha e ainda estando grávida. Essa mesma ILS relatou depois da atuação que nunca se sentiu tão cansada mentalmente e fisicamente depois daquele episódio. Ainda é difícil que equipes de interpretação sejam contratadas, para a melhor atuação dos ILS, muitas vezes é necessário convencer os contratantes para essa atividade.

No contexto educacional, o Intérprete Educacional na grande maioria, trabalha sozinho, trazendo perda de qualidade interpretativa e lesões como LER. Contudo, para diminuir esse cansaço o trabalho em equipe é essencial. Para Nogueira (2016, p. 85):

[...] entendemos, de forma geral, que a presença de uma equipe conta com no mínimo duas pessoas, que atuam em conjunto, a fim de que exista o revezamento na

produção da interpretação, pois sabemos que a interpretação quando realizada por longos períodos, torna-se física e mentalmente exaustiva. Além de contribuir para evitar o cansaço físico, existe a possibilidade de ter o auxílio desse colega, qualificando o processo interpretativo, apoiando a produção do discurso.

Mas além de causar doenças e lesões nos ILS, o trabalho sozinho ainda causa perda de qualidade de interpretação (QUADROS; 2004), pois o profissional que atua sozinho começa a fazer muitas omissões, se equivocando no discurso, e ainda não tem mais a capacidade de se autocorrigir, ou autocontrolar. Por isso o tempo adequado sugerido pela nota técnica 02/2017 da FEBRAPILS, de 20 a 30 minutos de atuação do intérprete do turno, é sem dúvidas o mais adequado:

[...] as pesquisas que vem sendo desenvolvidas com esses profissionais recomendam a troca entre as funções de uma equipe de intérpretes num período de 20 até 30 minutos. Estudos indicam que esse período é o tempo adequado para a concentração do intérprete, depois desse tempo (20m-30m), inicia-se um processo de fadiga mental que afeta a produção da mensagem. Quanto mais longa a interpretação mais erros e omissões podem ocorrer. Essa troca é fundamental para garantir permanentemente um nível elevado na qualidade da produção na língua-alvo. (MARCER; KUNZIL; KORAC, 1998 *apud* FEBRAPILS, 2017, p. 2).

Além disso, o discurso em Libras ganha qualidade quando uma equipe está no comando da interpretação. Além de evitar uma interpretação equivocada, pelo revezamento que está ocorrendo ali, os ILS se ajudam fazendo o “apoio” no momento que o colega está no turno de interpretação. Com isso, ambos não descansam, e ficam atentos ao trabalho o tempo todo, para que essa qualidade não se perca. O exemplo do futebol também pode ser acrescido aqui: Se um dos jogadores do time não quer passar a bola para ninguém, ele terá muito mais dificuldades para fazer o gol, e ainda ficará mais cansado. Já aquele que toca a bola para os companheiros têm mais chance de chegar no objetivo do gol. Segundo Hoza (2010):

[...] em torno dos anos de 1980, nos EUA, a consciência a respeito da perda da qualidade na interpretação após 30 minutos de trabalho, devido à fadiga e o risco de consequências físicas, por conta do uso excessivo dos membros superiores, contribuíram para se iniciar um processo de criação de equipes em eventos. (HOZA, 2010 *apud* NOGUEIRA, 2016, p. 83)

Esses intervalos são fundamentais para a saúde física e mental dos profissionais, assegurando melhor qualidade na interpretação, pois Souza (2017) explica que:

Os intervalos são fundamentais para que descanse e possa voltar a se concentrar novamente. Na verdade, não há um relaxamento ou descanso no sentido do profissional se isentar de qualquer colaboração que seu parceiro necessite ou se

ausentar do local de trabalho, ele continuará apoiando o intérprete de turno, porém, de forma discreta e com mais leveza, já que a responsabilidade total da interpretação agora é do colega. (SOUZA, 2017, p. 4).

Nesse sentido, o intérprete de apoio é fundamental para um trabalho com qualidade, principalmente se entre a equipe existir uma parceria. No trabalho de Nogueira, ele aborda como começou a pensar nesse trabalho e relata que:

Raríssimos foram os momentos em que tínhamos algum colega atuando diretamente conosco em sala. Isso acontecia, por exemplo, quando um aluno surdo que acompanhávamos e seus colegas ouvintes tinham sua aula cancelada, então éramos orientados a nos dirigir a outra sala para estar com um outro colega intérprete. Nesse momento, o que fazíamos era marcar o tempo e trocarmos a interpretação de 20 em 20 minutos. Assim, ao menos, podíamos “descansar” (e era exatamente essa a postura, de total despreocupação). Não havia uma atitude reflexiva e atenta para com a interpretação que o colega estava realizando. Em alguns casos, quando tentava auxiliar o colega com um sinal que talvez não fosse do seu conhecimento, ele geralmente se atrapalhava e, ao final solicitava que não fizesse mais contribuições. (NOGUEIRA, 2016, p. 23).

Como nesse relato, quando havia interpretações em dupla, era normal (em alguns lugares ainda é) o ILS que não estava no palco, ficar olhando o celular, sair para conversar com outra pessoa, ou simplesmente assistir a palestra, sem se preocupar com a interpretação do colega. Com a formação e abertura de novos campos de atuação os profissionais começaram a entender a função de intérprete de apoio (NOGUEIRA, 2016).

Para entendermos a importância desse trabalho em equipe, Souza (2017) dissertou em seu artigo sobre uma oficina ministrada por ela no evento Encontro dos Tradutores Intérpretes de Libras da UFMT (ENFOTILS) com o título “A relevância do trabalho em equipe no processo de tradução”, onde algumas falas de intérpretes que fizeram a oficina nos mostram algumas experiências:

Foram feitas as seguintes perguntas para os profissionais TILS: 1- Quem já atuou em equipe? 2- Como é a dinâmica de trabalho do TILS na instituição que você trabalha? 3- Você acredita que um TILS é capaz de atuar sozinho por um longo período sem regredir a qualidade da interpretação? [...]. Alguns TILS relataram que atuam sozinhos por quatro horas consecutivas em cursos de graduação em algumas Universidades e Institutos. Levantou-se outra pergunta: Vocês sentem que o trabalho de vocês é de qualidade por todo esse período? E a resposta foi o que já era esperado: Não. Um participante relatou que, após 40 minutos, sente que perde a concentração e que seu trabalho perde a qualidade. Relatou que o cansaço físico e mental é inevitável e que o aluno (surdo) é prejudicado por faltar informações ao fazer a interpretação. Outro participante falou da sua inquietação por atuar sozinho em um curso superior de alta complexidade lexical, e que desconhece os termos específicos, expos que trabalha oito horas diárias em cursos superiores e que recebe o material com antecedência, mas, por ser um trabalho de 40 horas semanais e por

atuar sozinho, não tem tempo específico para estudos apesar de receber uma grande quantidade de materiais por parte dos professores. (SOUZA, 2017, p.5).

Outros relatos dessa oficina se deram depois em uma roda de conversa:

__ Hoje consigo ver minha fragilidade como intérprete e reconheço o quanto nossa categoria ainda precisa ser reconhecida e respeitada. Sou intérprete em uma universidade e trabalho sozinho. Tudo que vi neste minicurso me estimulou a lutar por um trabalho mais digno, mais humano, pois ao final de quatro horas interpretando sozinho estou extremamente cansado e sei que poderia fazer um trabalho muito mais eficiente se trabalhasse em equipe. Esse curso me trouxe a ideia de elaborar um projeto e apresentar ao meu chefe imediato, quem sabe ele conseguirá ver meu trabalho de outra forma.[...]

_ Atuo sozinho como intérprete e nunca tinha vivenciado uma experiência de trabalho em dupla. Agora sei o quanto é importante essa dinâmica de trabalho e o quanto o surdo é beneficiado com uma boa atuação nossa. Pois, quando a gente faz um bom trabalho o surdo é quem ganha, pois ele precisa das informações na íntegra e quando a gente trabalha por muito tempo sozinho a qualidade do nosso trabalho realmente é reduzida. (SOUZA, 2017, p. 6).

As considerações desses intérpretes foram muito importantes para entendermos como é a realidade desses profissionais, principalmente no contexto educacional.. No site da FEBRAPILS, encontramos um guia de contratação de intérpretes feito por Santiago (2016, p. 7), que no capítulo sobre a contratação de intérpretes de conferências, diz:

A interpretação de e para a Libras é bastante solicitada em conferências como congressos, seminários, treinamentos organizacionais entre outros eventos deste tipo, e para esta atividade são contratados no mínimo uma dupla de profissionais, que trabalham em equipe, revezando o turno da interpretação e apoiando durante a atuação do colega. (SANTIAGO, 2016, p. 7)

Entendendo que esse é o contexto onde encontramos mais equipes de intérpretes, podemos pensar que a atuação em equipes deve ser necessária em qualquer contexto? Existem equipes de ILS educacionais no ensino Superior? São questões que quero problematizar neste trabalho, apontando as necessidades da equipe de ILS. Na nota técnica da FEBRAPILS (02/2017), há um detalhamento de alguns fatores onde a utilização de uma equipe de intérpretes é considerada mais adequada:

Fatores que contribuem para a necessidade de atuação de uma equipe de intérpretes. [...] Complexidade da demanda de interpretação e guia-interpretação: [...] Aulas prolongadas; Cursos, grandes conferências, seminários, discussões, debates, grandes reuniões coletivas e audiências e consultas jurídicas; Situações que envolvam comunicação e/ou atendimento à pessoas surdocegas; Situações que envolvam pessoas com dificuldades cognitivas e/ou emocionais; Situações que envolvam pessoas com diferentes níveis de fluência em Libras e em Língua Portuguesa; Situações em que a capacidade de ver e/ou ouvir a interpretação é limitada, sobretudo quando os intérpretes estão posicionados em locais para atender as

necessidades de um público mais amplo; Em unidades e instituições que demandem atendimento psiquiátrico e psicoterápico. (FEBRAPILS, 2017, p. 3)

Sabemos que há mais fatores que podem ser considerados coerentes a uma equipe de interpretação, mas esses apontados pela nota técnica são mais recorrentes. Desses pontos quero destacar o primeiro colocado: Aulas prolongadas, que está diretamente ligado ao contexto educacional, e com isso, considerado viável o trabalho em equipe de ILS nesse contexto. Além disso, os outros fatores mencionados também podem acontecer no contexto educacional, e por isso também devem ser pensados.

Nogueira, 2016 p. traz em suas pesquisas um quadro baseado nos estudos de Napier, McKee e Goswell, (2006), sobre as estratégias para uma interpretação eficaz em equipe. Essas estratégias mostram vários acordos e combinados entre os intérpretes que precisa ser feito antes, durante e depois de uma interpretação:

Quadro 1 - Estratégias para uma interpretação em equipe efetiva⁴

(continua)

1. Decidir onde e se sentar ou ficar de pé, garantindo uma posição clara em relação ao outro, e, se necessário, contribuindo ou alertando com sinais.
2. Decidir como dividir o trabalho. Em algumas situações como reuniões, pode ser mais eficaz um intérprete se concentrar em uma única direção de interpretação. As direções acordadas podem ser alternadas, para que se iguale a carga de trabalho.
3. Discutir a melhor forma de dar e receber contribuições, quando a informação é perdida.
4. Usar anotações para ajudar uns aos outros; o intérprete de apoio anota itens que são difíceis de reter tais como nomes e números grandes, para que o intérprete atuante possa olhar e recuperar sem interromper o fluxo da interpretação.
5. Negociar os turnos de interpretação e quando realizar a troca; o intérprete de apoio geralmente controla o tempo, mas o intérprete do turno geralmente decide o momento preciso para essa troca.
6. Acordar como a troca será “coreografada” para minimizar a possibilidade de interromper os outros participantes (isto é, não tropeçando uns nos outros ou empurrando o outro para fora do local definido).

⁴Quadro traduzido por Nogueira (2016, p.88).

Quadro 1 - Estratégias para uma interpretação em equipe efetiva

(conclusão)

7. Esclarecer a forma de dar e receber <i>feedback</i> sobre o trabalho de cada um.
8. Discutir e acordar opções de termos especializados de antemão.
9. Monitorar um ao outro, no estabelecimento de locais de referência no espaço e manutenção da sequência lógica do texto na língua-alvo e, caso seja preciso, realizar a alteração ao longo da apresentação.
10. Em contextos de conferência, onde há uma série de apresentadores, dividir os discursos entre os intérpretes e, dessa forma, se aproveita o conhecimento pessoal do assunto e/ou familiaridade com o palestrante.

Fonte: Nogueira (2016, p.88 *apud* NAPIER; MCKEE; GOSWELL, 2006, p. 137).

Com esse quadro, vamos investigar quais dessas estratégias os intérpretes da FURB, realizam no seu trabalho em equipe. Elas vão nos ajudar a responder questões e analisar as respostas dos intérpretes, conseguindo assim ter um respaldo da atuação da equipe de Intérpretes educacionais da FURB.

Outro ponto que devemos lembrar, é que essa equipe não é formada só pela dupla, ou não é atribuída só no momento de interpretação, há também o trabalho antes e depois da interpretação. Segundo relato de Nogueira (2016, p. 24).

Na UFSC, tínhamos momentos para estudo prévio à interpretação, quando recebíamos o material, sentávamos com os outros intérpretes da atuação e realizávamos combinações e afinávamos algumas escolhas que seriam utilizadas. Esse momento prévio, igualmente como o momento da atuação, era algo novo, pois nas minhas experiências anteriores raramente isso acontecia, uma vez que dificilmente o material era recebido com antecedência e, muitas vezes, não tínhamos carga horária para realizar esse momento de combinação e estudo coletivo.

Com isso, o trabalho em equipe pode acontecer no ensino superior, uma vez que as pesquisas mencionadas e as realidades mostram que esse contexto também tem essa demanda de interpretação. Para finalizar, Nogueira (2016, p. 91) diz que "os membros da equipe colaboram e buscam um objetivo comum, planejam para conseguir atingir e fazer adaptações ao longo do caminho".

2. A PESQUISA

O trabalho em equipe dos ILS no contexto educacional da educação superior em Blumenau ocorre em diversas Instituições de Ensino Superior (IES), contudo para nosso trabalho, escolhemos uma universidade de grande porte que conta com vários intérpretes e articula-se com os objetivos desta pesquisa.

A Universidade Regional de Blumenau (FURB) foi escolhida, devido ao número de intérpretes que atuavam nessa IES, em 2018, época da pesquisa.

A pesquisa que realizamos nesse trabalho destinou-se a esses intérpretes. Ela foi realizada no primeiro semestre de 2018, investigando a atuação de equipe de intérpretes na FURB. Esse trabalho é requisito para conclusão do curso de Bacharel em Letras Libras EAD, polo UAB Joinville, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Nesse sentido, faz-se necessário traçar o percurso histórico desta universidade, conforme veremos na seção seguinte.

2.1 Contexto Histórico da IES

A Fundação Universidade Regional de Blumenau, conhecida como FURB, é uma instituição de ensino superior que está localizada na cidade de Blumenau, estado de Santa Catarina. Na cidade há quatro campi presentes em diversas áreas do município, dividindo os cursos nesses espaços. Além dessas unidades, a instituição conta com o Núcleo de Prática Jurídica, (FURB - NPJ), localizado na região central, realizando um trabalho de atendimento gratuito para a população que possui alguma demanda jurídica. Existe também a Fundação de Piscicultura Integrada do Vale do Itajaí (FURB - FUNPIVI) no município vizinho, Timbó - SC.

Segundo as informações do Centro de Memória Universitária da FURB, no dia 5 de março de 1964, a Lei Municipal nº 1233, criou a Faculdade de Ciências Econômicas de Blumenau, hoje conhecida como FURB (SCHMITT; SASSE; COSTA, [201?]). Entretanto sua história inicia-se em 1953, quando um grupo de pessoas se reuniu para solicitar a implementação de unidades de ensino superior na região do vale do Itajaí. Segundo Schmitt, Sasse e Costa ([201?], não paginado):

Durante dez anos os debates e as reivindicações objetivaram sensibilizar os poderes públicos Estadual e Federal, com vistas à interiorização do ensino superior em Santa

Catarina. As diversas tentativas encetadas na área política determinaram amplos debates na Assembleia Legislativa do Estado, resultando na aprovação de uma lei, em 1957, a qual criou, também, a Faculdade de Engenharia de Joinville, cuja implantação, integrada à Universidade para o desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, somente ocorreu em 1965.

Nesses dez anos de discussões, a única universidade do Estado de Santa Catarina, era a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. As lutas para consolidação da universidade foram concretizadas pelo fruto de um movimento comunitário, e assim foi criada a FURB. No mesmo ano, em 1965, em 2 de maio, com a aula inaugural da primeira Faculdade do interior do Estado, houve a inauguração da universidade.

Depois de estar situada em diferentes escolas da região, em 20 de dezembro de 1967, através da Lei Municipal nº 1458, instituiu-se a FUB - Fundação Universitária de Blumenau (BLUMENAU, 1967). Na mesma ocasião, pela Lei Municipal nº 1459, são criadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Blumenau e a de Ciências Jurídicas de Blumenau, sendo estas unidades integrantes da já nomeada Fundação (BLUMENAU, 1967). A construção da sede própria foi realizada em 1968.

No ano seguinte, em 1969 foi inaugurada a sede própria, e nos anos seguintes foram criados mais cursos como Engenharia Civil, Engenharia Química, Processamento de Dados, Administração, Ciências Contábeis, Educação Física e Educação Artística. Em 1974, a denominação mudou para Fundação Educacional da Região de Blumenau. A Lei que mudou o nome previa que, após o reconhecimento como Universidade, iria se restabelecer plenamente os dispositivos que a denominava Universidade. Assim em 1982, a Câmara Municipal de Blumenau decretou e sancionou uma Lei, que consolidou a Legislação referente à Fundação Educacional da Região de Blumenau - o Regimento Unificado e o início do processo para transformação em Universidade (SCHMITT; SASSE; COSTA, [201?]).

Somente em 13 de fevereiro de 1986, a Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) foi reconhecida e credenciada pelo Ministério da Educação (MEC). Em 1995 foi nomeada como:

[...] a Universidade Regional de Blumenau figura como uma Instituição de Ensino Superior criada e mantida pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. A Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB é incluída como órgão autônomo na estrutura administrativa do Poder Executivo Municipal, uma instituição oficial de direito público. A FURB possui autonomia didático-científica, administrativa, de gestão financeira e patrimonial, conforme os seus Estatutos e Regimento Geral (SCHMITT; SASSE; COSTA, [201?], não paginado).

Com isso, entendemos que essa instituição é pública, pois sua mantenedora a fundação, recebe verba pública municipal para se manter, mas não é uma universidade gratuita, pois todos pagam pelo ensino, como em uma universidade particular, percebido nas entrelinhas documento feito por Schmitt, Sasse e Costa ([201?], não paginado):

Deste modo, a FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau é uma autarquia municipal de regime especial, com sede e foro no Município de Blumenau, Estado de Santa Catarina, aplicando-se-lhe as prerrogativas e os privilégios da fazenda pública municipal. Possui plena autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, nos termos do art. 207 da Constituição Federal e da pertinente legislação nacional de ensino.

Nos quatro *campi*, a FURB conta com mais de 12.000 alunos, mais de 40 cursos de graduação, mais de 10 cursos de pós-graduação, vários cursos de especialização, e cursos de curta duração, além de Ensino Médio e cursos para Terceira Idade.

2.2 A questão do ILS na FURB

Ao entender a universidade e sua história, pesquisamos em seus documentos como ocorre o trabalho do Intérprete de Libras e Português na instituição e encontramos uma regulamentação institucional (008/2015) que traz normas para a atividade do tradutor/intérprete de Libras. Esse documento tem o objetivo de dar acesso à comunicação, informação e participação dos estudantes Surdos, em todos os espaços da universidade.

São poucas as universidades que regulamentam o serviço de interpretação na instituição, e isso é importante para documentar suas práticas, e para que servidores, docentes e discentes saibam as atribuições dos intérpretes em sala de aula e fora dela. Algumas instituições que já há essa regulamentação já em uso são a UFSC e o IFSC, instituições públicas e de autarquia federal, que já regulamentaram o trabalho do profissional.

Perante esse regimento, além de acompanhar os estudantes Surdos, os intérpretes também acompanham os professores Surdos da instituição: “Art. 3º A FURB oferece ao estudante e ao docente com surdez o acompanhamento sistemático por tradutor/intérprete de Libras nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e cultura.” (FURB, 2015). Isso não é comum em outras instituições de Blumenau, o que intensifica as demandas de interpretação, e o trabalho do Intérprete.

Sobre a formação desses ILS, o regimento 008/2015 da FURB diz:

Art. 8º O tradutor/intérprete de Libras é habilitado para interpretar Libras e Língua Portuguesa de forma simultânea, consecutiva ou sussurrada e possui proficiência em tradução para ambas as línguas. Parágrafo Único. A habilitação profissional mínima exigida para o exercício da função de tradutor/intérprete é de curso de graduação com grau de Bacharelado em Letras/Libras (FURB, 2015, não paginado).

Percebe-se neste regimento que o tradutor intérprete de Libras necessita de graduação específica em Letras Libras Bacharelado para tal função, isso além de mostrar uma valorização para atuação desse profissional na instituição, contribui para uma prática de contratação de profissionais que têm a qualificação mínima para a função. Além disso, respeita o decreto/lei 5626/05, e a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) que abordam sobre a formação em nível superior desses profissionais, e respeita também a categoria, colocando o profissional intérprete de Libras Português como profissional nível E da instituição.

Nas universidades federais, como discutido por Santos (2015, p. 120), a questão da vaga de ILS sem formação traz impasses para a contratação de profissionais qualificados. Isso aponta que políticas públicas precisam ser refeitas e a exigência de ensino superior a esses cargos deve ser aplicada nas universidades brasileiras.

[...] uma das dificuldades mais acentuadas para a implementação dos serviços de tradução e de interpretação de Libras-Português refere-se aos concursos públicos para esses profissionais. A maioria dos servidores tradutores e intérpretes de Libras-Português é enquadrada no cargo de classificação D, com a nomenclatura de “Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais”, de acordo com o Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE). Atualmente, uma parcela mínima desses servidores está enquadrada no cargo de classificação E com a nomenclatura de Tradutor/Intérprete (com exigência de ensino superior). A presença desse cargo de nível médio no PCCTAE, em uma época em que as políticas linguísticas em torno da Libras alcançaram uma evidência significativa em nosso país, é uma grande incongruência. (SANTOS, 2015, p.120)

O nível E do plano de carreira PCCTAE para o cargo de tradutor/intérprete, citado acima por Santos (2015), foi extinto em 2018, causando ainda mais impasses na contratação desse serviço. A FURB, tendo na sua resolução essa condição para o trabalho do ILS, evidencia a preocupação que a instituição tem, com profissionais qualificados. A instituição ainda se torna vantajosa perante outras instituições, pois valoriza o profissional, qualifica o trabalho e faz os intérpretes formados buscarem essa universidade para trabalhar.

As atribuições do intérprete de Língua de sinais segundo o Regimento 008/2015 da FURB são de caráter técnico, pois aborda como deve ser o trabalho desse profissional em acompanhamento com acadêmicos Surdos e/ou docentes Surdos, além de estipular algumas

regras para um bom andamento do trabalho (intervalo durante as aulas; acompanhamento durante as aulas e o não acompanhamento em momentos de intervalo; entre outros.)

Esse profissional deve zelar pelos preceitos éticos destinados a pessoa humana e em especial a cultura e comunidade Surda. Infelizmente a resolução não aborda aspectos de tradução, somente de interpretação e do acesso ao profissional intérprete pelos acadêmicos ou docentes Surdos. Outra situação que se pondera neste regimento, é a necessidade de um momento de estudo para uma tradução e/ou interpretação de qualidade. A instituição entende isso e disponibiliza 20% da carga horária do profissional para estudos:

Art. 11 Das horas previstas ao tradutor/intérprete de Libras para acompanhamento de estudante(s) em atividades de ensino, pesquisa, extensão e cultura com surdez, 20% (vinte por cento) são destinadas à leitura e ao estudo de materiais disponibilizados pelos docentes, ao preparo da tradução/interpretação e à pesquisa de termos da língua portuguesa para Libras. Parágrafo Único. O cumprimento dos 20% (vinte por cento) da carga horária, previstos no caput do artigo, serão nas dependências da FURB. (FURB, 2015, não paginado).

Dessa maneira, podemos compreender que a instituição pesquisada sabe que um ILS necessita de horas de estudo para realizar um bom trabalho, por isso foi colocado em seu regimento as condições necessárias para um trabalho eficiente. Contudo cabe destacar, que, em uma conversa informal com os intérpretes da instituição, isso só foi possível porque um dos gestores teve contato com a Libras e a partir disso percebeu as demandas dessa categoria e propôs a construção do regimento que, agora, regulamenta esse trabalho na instituição

Essas horas de estudos destinadas a esse profissional fazem parte do trabalho do intérprete, uma vez que o intérprete já conhece o que o professor de determinada disciplina irá abordar naquela semana. Além disso, alguns intérpretes de outras instituições costumam realizar o trabalho de estudo prévio do conteúdo em casa, por não terem tempo disponível para este fim.

Sabemos que há intérpretes que trabalham em várias instituições, 60 horas semanais, muitas vezes por necessidade financeira e/ou por não haver um contingente de profissionais em determinadas cidades. Se esse ILS necessitar trabalhar o dia todo e hipoteticamente trabalhar também à noite na FURB, com uma carga horária de 20 horas semanais, ele terá uma noite (20 %) de tempo de estudo, o que trará tranquilidade para seu trabalho.

Assim, percebemos que o documento traz características fundamentais para a realização de um trabalho do ILS da instituição com eficiência e solidez. Mas ainda sim, tal

regimento não trata a atuação da equipe de ILS, tampouco sobre escalas, revezamento, intérprete de apoio em sala e demais questões relativas a esse trabalho.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

As pesquisas realizadas na área da educação geralmente buscam sempre tratar dos seus objetos de modo a analisá-los de acordo com conceitos e critérios focados numa visão centrada no processo educativo em si, ou seja, no caso de nossa pesquisa, temos como tema a atuação do ILS na educação superior. Por esse motivo, esse trabalho optou pela pesquisa qualitativa descritiva, visto que analisamos as questões relacionadas à equipe de intérpretes de Língua de Sinais no Ensino Superior, suas demandas e dificuldades, com vias a comparar essas informações com as pesquisas já realizadas sobre esse tema.

A pesquisa qualitativa descritiva tem como objetivo analisar todas as respostas obtidas, de forma que essas tenham uma abordagem dialógica.

Segundo Gil (2002) a análise qualitativa:

[...] depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 2002, p. 59)

Ainda de acordo com o mesmo autor, as pesquisas descritivas têm o objetivo básico de:

descrever as características de populações e de fenômenos. Muitos dos estudos de campo, bem como de levantamentos, podem ser classificados nessa categoria. Nos levantamentos, contudo, a preocupação do pesquisador é a de descrever com precisão essas características, utilizando instrumentos padronizados de coleta de dados, tais como questionários e formulários. (GIL, 2002, p. 131)

Perante essa reflexão acerca do método escolhido, observamos que a pesquisa qualitativa descritiva, que propomos neste trabalho, visa levantar os dados dos ILS da IES de Blumenau, descrevendo as características desse grupo, por meio de um questionário semiestruturado. Com os dados em mãos, a interpretação e a análise desses elementos serão descritas ao longo do texto, tendo como base nosso aporte teórico.

Com isso, ao verificarmos os caminhos que teríamos de escolher para a execução de nossa pesquisa, construímos um questionário online, utilizando a ferramenta *Formulários Google*. A justificativa para a utilização dessa ferramenta reside no fato de ela poder ser respondida por qualquer pessoa e em vários dispositivos eletrônicos, além disso, ela apresenta opções interessantes para a construção de perguntas, como perguntas descritivas, de múltipla escolha, de escala, dentre outras.

O uso de questionário é uma forma atual e muito eficaz para coleta de dados, uma vez que esses ficam arquivados por meio das respostas dos participantes e podem ser tabulados para gerar, por exemplo, gráficos de comparação ou tabelas para uma melhor sistematização dos dados. Outro fator relevante a ser colocado é que os dados podem ser analisados à luz de aspectos dialógicos como abordamos acima. Por esse motivo, nossa pesquisa construiu um questionário semi-estruturado para ser respondido pelos 12 (doze) profissionais intérprete de Libras/Português da FURB.

Segundo Gil (2002, p. 114), “por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisador.” Essas questões podem ser discursivas e objetivas.

Segundo Rover (2012, p. 20) “a informação conseguida por questionário, a mais facilmente acessível, é também a mais superficial, estereotipada e racionalizada.” Isso significa que usar esse método traz respostas com maior objetividade, conseguindo assim analisá-las com mais facilidade.

Além disso, o autor ainda contribui salientando o ótimo resultado que esse formato de entrevista traz ao trabalho: “As entrevistas, através de questionários semiestruturados e de forma não diretiva, são compreendidas aqui, portanto, como procedimentos metodológicos que podem produzir ótimos resultados na realização da pesquisa social” (ROVER, 2012, p. 27).

Com isso, a escolha desse método de pesquisa salientou o desejo do pesquisador e dos participantes em ter dados consistentes e claros, para um melhor entendimento das respostas coletadas. Assim, em nosso questionário dividimos as perguntas em quatro blocos para uma melhor visualização e compreensão das informações solicitadas e, conseqüentemente, uma interface mais direta para o participante. O primeiro bloco, chamado de Perfil Profissional, tem por objetivo destacar qual é a formação deste profissional, seu tempo de atuação como intérprete, quais cursos já fez, a quanto tempo sabe Libras, e qual é seu envolvimento com a comunidade Surda. O segundo bloco, chamado de Campo de atuação, traz as experiências que esse profissional teve durante a sua carreira e em quais áreas ele se destaca. Já o terceiro bloco, o Institucional, aponta as necessidades institucionais, os desafios e os acertos que ocorrem na instituição e como é trabalhar nessa IES. Por fim, o quarto bloco, Relacionamento, descreve o relacionamento do grupo, como esse relacionamento no trabalho em equipe ocorre e relata como acontece a relação profissional entre o ILS e a instituição.

Dessa forma, criamos vinte e nove perguntas objetivas, sendo algumas de múltipla escolha e outras com respostas mais curtas a fim de evitar fazer o participante apresentar uma resposta previsível. Comunicamos que todos os ILS foram convidados a responder o questionário de forma voluntária e anônima, não permitindo assim que nenhum dos informantes se sentisse constrangido a responder qualquer pergunta, preservando sua liberdade de expressão ao colocar suas impressões por meio do questionário. No Anexo I, apresentamos o texto de apresentação formulado para os ILS, a fim de explicarmos a eles nosso trabalho e como os dados seriam utilizados. No Anexo II, estão descritas todas as perguntas e opções de respostas do questionário.

A partir das respostas desse questionário, buscamos entender como é o trabalho dos intérpretes da FURB e responder aos nossos objetivos que são analisar como ocorre a atuação da equipe de ILS educacionais na FURB e descrever quais os principais desafios enfrentados durante o trabalho. Para isso precisaremos analisar as funções dos ILS da equipe no contexto educacional; identificar a importância do trabalho em equipe dos ILS nessa área; identificar como são realizadas as contratações desses profissionais; e observar se as atuações desses profissionais condizem com as teorias existentes e nossas perguntas de pesquisa, a fim de encontrar as estratégias usadas pela instituição e pelos próprios intérpretes para que o trabalho em equipe seja de qualidade.

Neste sentido, analisamos os dados obtidos por esse questionário e as diferentes funções dos profissionais envolvidos na equipe, a fim de perceber a importância dessa equipe na instituição e relacionar essas respostas, com as teorias trazidas no capítulo de referencial teórico, sempre buscando a ligação desses dados com o trabalho em equipe dos intérpretes.

3.1 Coleta de Dados

O questionário foi aplicado a 12 ILS que atuam como intérpretes da FURB em Blumenau. Eles responderam as 29 questões objetivas e descritivas, por meio da ferramenta Formulários da plataforma Google. Esse questionário foi enviado aos participantes em quatro blocos para que eles pudessem dispor de maior dedicação às respostas que dariam. Por meio das perguntas, obtivemos as respostas dos entrevistados a respeito daquilo que se tornou a partir de então importantes dados para nossa análise. Assim, com o uso da Plataforma Google conseguimos ter clareza para entender os dados e trazer aspectos relacionados ao trabalho desses profissionais como uma equipe. Dessa forma, compreenderemos melhor e

visualizarmos se nessa universidade temos uma equipe de intérpretes trabalhando, e, se sim, como está ocorrendo esse trabalho.

Como no questionário abordei as questões em quatro blocos, vou aplicá-los nessa análise para entender quais foram as perguntas relacionadas a cada bloco. Por esse motivo, realizaremos uma análise compatível com nosso propósito, de entender o trabalho em equipe dos ILS da FURB.

4. ANÁLISE DOS DADOS OU RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já dissemos, o objetivo do nosso trabalho foi analisar como ocorre a atuação da equipe de ILS educacionais na FURB e descrever quais os principais desafios enfrentados durante o trabalho. Para isso precisaremos analisar as funções dos ILS da equipe no contexto educacional; identificar a importância do trabalho em equipe dos ILS nessa área; verificar como são realizadas as contratações desses profissionais; e observar se as atuações desses profissionais condizem com as teorias existentes.

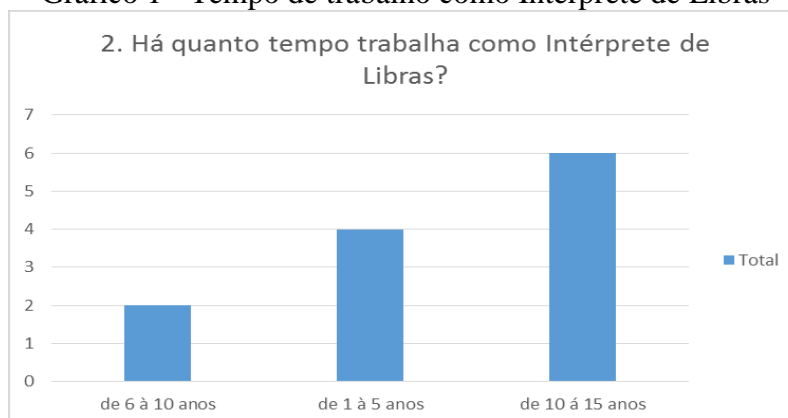
A partir das respostas obtidas no questionário enviado aos intérpretes da FURB, vamos descrever essas respostas e trabalhá-las por meio da *Google Forms*, que apresenta os dados em forma de gráficos, e que serão expostos ao decorrer dessa análise. Além disso, essa análise compreende as teorias que abordei no referencial teórico. Relembramos aqui que o questionário era anônimo e nenhum dos intérpretes era obrigado a respondê-lo. Dos 14 intérpretes que trabalham na FURB, doze responderam essa pesquisa, correspondendo a 85,7% dos profissionais. O quantitativo de intérpretes respondentes nos auxilia em realizar uma análise que consiga descrever a realidade local de forma mais confiável.

4.1 Perfil Profissional

O primeiro bloco de questões serviu para conhecer o perfil dos intérpretes da FURB. A primeira questão que trouxemos no questionário pedia a idade dos profissionais, em sua maioria, eles têm entre 26 - 50 anos (91,7%). Isso pressupõe que pela idade, esses profissionais podem, ou já têm certa experiência. Mas não podemos evidenciar isso somente pela idade, pois vários fatores influenciam na experiência por parte dos respondentes.

A segunda questão traz a experiência, perguntando há quanto tempo esses profissionais trabalham na área.

Gráfico 1 - Tempo de trabalho como Intérprete de Libras



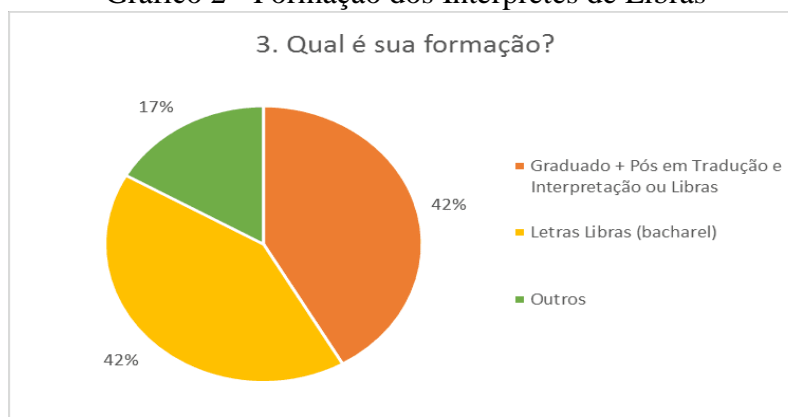
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

No Gráfico 1, percebemos que boa parte dos intérpretes que responderam as questões já possuem uma boa experiência, pois trabalham há mais de dez anos como ILS. A experiência é fundamental para um bom trabalho nessa área, pois é por meio dessa prática/vivência que percebemos os erros e acertos da profissão e adquirimos mais conhecimento acerca da língua e de algumas estratégias linguísticas.

Esses 50% de ILS que trabalham na instituição a mais de 10 anos, podem auxiliar e mostrar os melhores caminhos por uma melhor interpretação dentro da FURB.

Na questão três, é perguntado sobre a formação dos ILS.

Gráfico 2 - Formação dos Intérpretes de Libras



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A formação dos intérpretes da instituição mostra como a FURB contrata muitos intérpretes com a graduação em Letras Libras na modalidade Bacharelado, ou com uma equivalência, que é a pós-graduação em Tradução e Interpretação. Dos 12 profissionais que

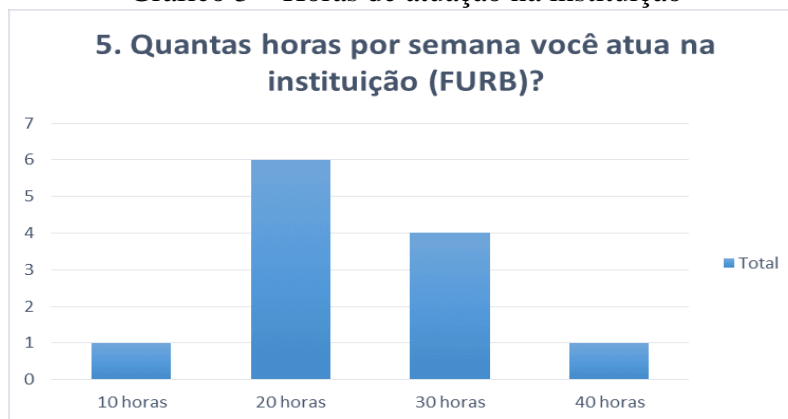
responderam o questionário, dez intérpretes têm uma dessas formações, e apenas dois são de outras áreas. Além disso, 33,2% (4) do total disseram que possuem proficiência em Tradução e Interpretação (ProLibras), que não é mais exigida.

Como é uma das exigências da instituição, ter intérpretes formados em Letras Libras na modalidade Bacharelado, as respostas dessa questão mostram que a instituição segue a regulamentação 008/2015, mas ainda assim, conta com alguns profissionais não formados na área.

Na pergunta 4, é pedido que se responda quantas horas complementares de cursos os intérpretes fizeram, os dados mostraram que 41,7% realizaram formações em cursos de 20 a 80 horas, 25% de 120 a 200 horas de cursos, e 16,7% possuem mais de 200 horas de cursos. A maioria dos ILS tem poucas horas complementares de curso de Libras e/ou de tradução/interpretação, e isso mostra a importância da instituição fornecer formação continuada.

A questão número 5 aponta que metade dos entrevistados trabalham 20 horas semanais na instituição; 8,3 % 40 horas; 8,3% 10 horas e os outros 33,3 %, 30 horas.

Gráfico 3 – Horas de atuação na instituição



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Esse dado informa que a maioria dos ILS da IES trabalha de 20 a 30 horas semanais, e com isso muitos podem conciliar o trabalho na FURB com outros trabalhos. Em minha experiência, muitos foram os relatos de ILS que trabalham mais de 40 horas semanais, sozinhos e dentro de sala de aula. Nessa perspectiva, a FURB além de ter 20% de horas de estudo para esses profissionais (segundo o regimento 008/2015), tem contratos com menos carga horária semanal, para que o ILS tenha tempo para descanso e outros afazeres.

Já na questão número 6, os intérpretes são questionados no tempo de atuação dentro da instituição, e 75% dizem que trabalham lá de 1 a 5 anos, já os outros 25% dizem que trabalham na FURB a mais de 10 anos. Há aspectos positivos quando se trabalha muito tempo em uma mesma instituição. Como os intérpretes na sua grande maioria trabalham 20 horas semanais (pergunta 4), esses profissionais conhecem a instituição muito bem, sabem as regras e normativas que norteiam o trabalho e podem ajudar profissionais que chegam à instituição, por conhecê-la bem.

4.2 Campo de Atuação

Nesse bloco de questões, os ILS responderam questões sobre sua atuação na FURB. Na questão 7 foi perguntado em quais áreas do conhecimento esses intérpretes já haviam atuado na instituição. Assim, 100% deles falaram que já atuaram na área de Letras e Artes; 83,3% na área das Ciências Humanas; 58,3% na área das Ciências da Saúde; 50% já trabalharam em 3 áreas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Sociais e Linguística; 25% na área de Engenharia/Tecnologias; e 16,7% na área das Ciências Biológicas.

Na questão 8, a pergunta foi relacionada ao nível de formação ao qual os intérpretes já tinham trabalhado na FURB, 100% já atuaram na graduação; 41,5% já atuaram no Mestrado; 25% em especializações e 8,3% no Ensino Médio.

Esses dados dessas duas questões apontam a expressiva variação de atuação do Intérprete educacional em contextos de formações diferentes, mostrando como a atuação desse profissional no Ensino Superior é muito complexa. Interpretar em uma graduação na área das Ciências da Saúde e depois interpretar em um Mestrado na área de Linguística, por exemplo, é um grande esforço cognitivo que gera um cansaço mental significativo para esse ILS. Há muitas diferenças na atuação desse profissional no Ensino Superior, comparando-se aos outros níveis escolares:

É importante esclarecer que há muitas diferenças nos processos de inserção do intérprete de língua de sinais em uma sala do ensino superior ou ensino médio e em uma sala de ensino fundamental ou infantil. A principal delas se refere à idade do aluno, pois nas séries iniciais a criança encontra-se ainda em formação, ou seja, sua relação com o conteúdo que lhes é ensinado e também com o intérprete é diferenciada, quando comparada a de um aluno mais amadurecido, que já tem vários de seus processos pessoais melhor consolidados. Além disso, nas séries iniciais; o aluno está constituindo aspectos fundamentais de sua identidade e de sua sociabilização (SOARES; LACERDA, 2004), além do trabalho com conceitos acadêmicos que servirão como base para a continuidade de seus estudos, apontando

também para a necessidade de aprofundar pesquisas nesse campo (LODI; LACERDA, 2014, p. 70).

Lodi e Lacerda (2014) apontam que a diferença principal é na idade dos estudantes, uma vez que quem está no nível superior é adulto, maduro, já têm língua definida. Trabalhar nesse contexto implica muito estudo e parceria com os colegas de profissão. A equipe, nesse contexto, traria qualidade para o Surdo(a) e facilidade para os profissionais.

A pergunta nº 9, vem de encontro a necessidade da equipe, pois perguntava aos ILS da instituição, se esses já haviam trabalhado com/como "intérprete de apoio" na instituição. Se sim, eles poderiam nos informar onde, em qual curso, etc. Como essa questão era dissertativa, vou comentar algumas falas.

Todos falaram que atuam com/como intérprete de apoio, em palestras na instituição. Mas uma das respostas dizia, “somente em palestras”, enquanto os outros citavam outros momentos. Houve também respostas que traziam as “palestras” e “cursos”, ou “eventos da FURB”. Uma pessoa citou as “palestras”, mas deixou claro que em “semanas acadêmicas dos cursos”, não havia esse trabalho. Uma pessoa citou a atuação em “peças teatrais” com o intérprete de apoio, um contexto totalmente diferente do educacional, mas que às vezes está inserido na instituição. Dois dados importantes são: três intérpretes responderam que atuam com/como esse profissional em “disciplinas do Mestrado”; e duas profissionais disseram que atuam em “disciplinas no modo concentrado”, em duplas. Outra profissional mencionou que às vezes quando um aluno falta, o colega que interpreta para esse aluno, auxiliava os colegas que estavam em sala.

Isso colabora para inserção de práticas em equipe, pois mostram que o trabalho pode ser feito com muito mais qualidade quando estamos com um companheiro de profissão, auxiliando em todo o processo de interpretação. Segundo Santos (2015, p. 118),

A formação de equipes de tradução e de interpretação de Libras-Português alinhadas a concepções de tradução e de interpretação estabelecidas junto ao campo dos Estudos da Tradução ou Estudos da Interpretação fortalece e corrobora a sistematização de um trabalho de qualidade.

Entendendo esse papel do trabalho em equipe, na pergunta 10, os ILS responderam qual é a importância numa escala de 0 a 10 (0 menor importância e 10 maior importância) do ILS de apoio para os intérpretes que ali atuam. Dez intérpretes deram nota máxima, um deu

nota 9 e um nota 8, mostrando o quão valioso é o trabalho em equipe, e o trabalho do intérprete de apoio.

Percebemos assim que avaliação de todos os profissionais que estão inseridos na universidade, querem trabalhar em equipe, melhorando a qualidade e tendo revezamento para uma melhor ergonomia. O trabalho de apoio é explicado por Nogueira, 2016:

O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” (primeiro modelo de Hoza, op. cit.) continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara. [...] além da troca de turnos por tempo (revezamento), é esperado que o intérprete que não está na posição de intérprete “ativo” monitore a interpretação, a fim de corrigir possíveis equívocos produzidos por sua dupla. (NOGUEIRA, 2016, p. 133).

Mas não é só revezamento e descanso. O trabalho em equipe faz o intérprete do turno ter segurança no ato interpretativo, e se algo der errado, o colega estará ali para apoiá-lo. Os dados apontam que trabalhar com um colega, formando um equipe, e o intérprete que não está no turno fazendo o apoio, contribui para uma melhor interação entre a equipe, e as informações chegam ao Surdo de forma clara e coesa.

[...] de maneira geral, a função do intérprete de apoio envolve fornecer informações para que o intérprete “ativo” possa corrigir ou adicionar algo na interpretação que está sendo produzida. E o objetivo geral do apoio é fazer a produção da língua-alvo mais coerente e precisa. (NOGUEIRA, 2016, p. 91)

Um modelo novo de Hoza (2010, p. 9), que Nogueira traz para seu trabalho, seria a excelência do trabalho, “a cereja do bolo”. A equipe toda envolvida em uma causa: fazer a melhor interpretação possível.

trabalho colaborativo e interdependente, os dois membros da equipe devem estar envolvidos em todo o processo, embora possam desempenhar múltiplas funções em momentos diferentes. Os membros da equipe colaboram e buscam um objetivo comum, planejam para conseguir atingir e fazem adaptações ao longo do caminho: “a colaboração e interdependência ocorre antes, durante e após o momento da interpretação” (HOZA, 2010, p. 9).

4.3 Institucional

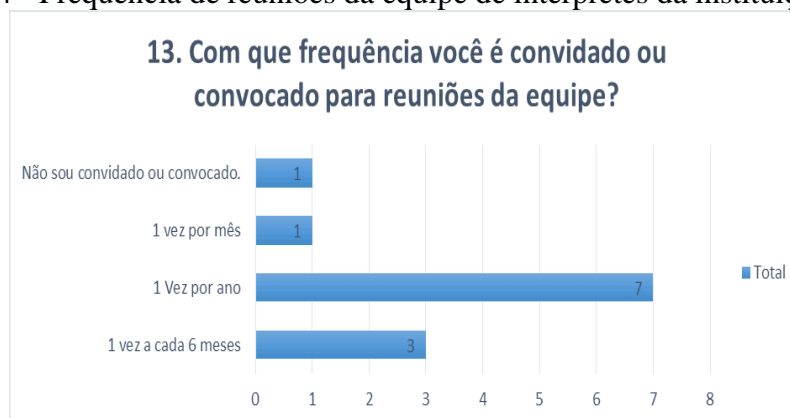
Nesse bloco, perguntamos aos ILS sobre a instituição onde eles trabalham (FURB). Na questão nº 11 pedimos para os ILS da FURB responderem sobre como eles foram contratados na instituição.

Ao relacionarmos com a pesquisa realizada sobre a instituição, lembramos que os servidores podem ser concursados, já que a universidade é de esfera pública municipal. Sendo assim, 6 intérpretes (50%) responderam serem contratados emergencialmente, e depois de alguns meses (um semestre na maioria das vezes) esse contrato é renovado. 5 Intérpretes (41,5%) respondeu que são servidores efetivos da instituição; e uma resposta foi desconsiderada

Percebemos nesse ponto a qualidade que os alunos Surdos percebem com os intérpretes da instituição, pois além de serem formados na área (como comentado anteriormente na questão 3) quase metade da equipe é composta por servidores efetivos, garantindo um mínimo de ILS no quadro de colaboradores da FURB.

Sobre as reuniões da equipe de intérpretes na instituição, a pergunta 12 questionou se esses ILS eram convidados ou convocados para reuniões todos responderam que sim. Na pergunta 13, buscamos saber com qual frequência eles eram convidados ou convocados.

Gráfico 4 - Frequência de reuniões da equipe de intérpretes da instituição



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Segundo o gráfico, percebemos que não há uma unanimidade na regularidade de reuniões da equipe. A maioria diz que as reuniões são realizadas uma vez por ano, mas três pessoas disseram que isso acontece a cada semestre, um disse que nunca foi convidado ou convocado para reuniões, e outro disse que é convidado ou convocado todo o mês.

Precisamos pensar nesse ponto, que alguns ILS trabalham há muitos anos na instituição e alguns são efetivos. Esses dados mostram que, dos cinco que são efetivos, dois falaram que as reuniões acontecem a cada semestre e três disseram que as reuniões ocorrem uma vez por ano. Três ILS que trabalham na instituição a mais de 10 anos, desses, dois disseram que as reuniões ocorrem a cada seis meses e um disse que isso ocorre uma vez por ano.

Mesmo analisando somente os intérpretes que são efetivos, e aqueles que trabalham na instituição a mais de dez anos, os dados não são unânimes, e nesse caso há uma certa divergência de informações entre esses profissionais. Mesmo assim, podemos concluir que o tempo entre uma e outra reunião está muito distante e informações importantes sobre a instituição a atuação desses ILS em sala devem chegar até esses profissionais.

Quando há na instituição reuniões periódicas com todos os profissionais de uma determinada função, é possível que se chegue a um acordo comum e todos consigam realizar seus trabalhos sem muitas dificuldades. Segundo Santos (2015),

iniciativas para sistematizar as rotinas e planejar e avaliar pautas gerenciadas pelo grupo são fundamentais para o desenvolvimento da equipe de tradução e interpretação. Além disso, à medida que associa teoria e prática, tomando como base o campo disciplinar dos Estudos da Tradução e suas diversas abordagens, a equipe consegue uma metarreflexão sobre a qualificação dos serviços prestados à comunidade acadêmica, bem como sobre o empoderamento dos tradutores e intérpretes. (SANTOS, 2015, p. 123).

Isso colabora para uma melhor organização e empoderamento dos ILS da FURB. Com relação ao regimento, os intérpretes foram indagados na pergunta 14 se conheciam algum regimento sobre a atuação de intérpretes de Libras na instituição, apenas um disse que não conhecia. Essa pessoa que informou que não conhecia o regimento, trabalha na instituição há um ano somente, mas é servidor (a) efetivo (a) da instituição. Esse documento é importante, pois traz as tarefas a serem executadas pelos profissionais e precisa ser de conhecimento de toda a equipe, de forma clara e objetiva, deve ser cobrado a ciência deste regimento por todos.

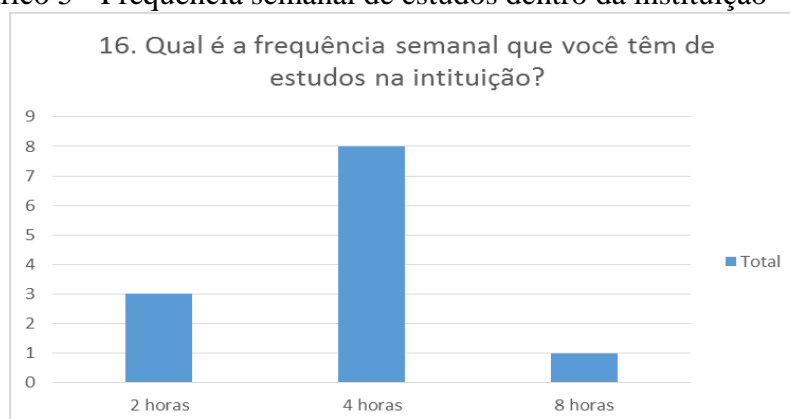
Sobre isso, Santos (2015, p. 121) destaca que

uma das medidas que contribuem para a implementação adequada dos serviços, enquanto não há uma diretriz nacional que oriente a atuação do tradutor e do intérprete de Libras-Português, é a criação de protocolos e regimentos de atuação da equipe. Os protocolos auxiliam e orientam os usuários a solicitar os diferentes tipos de tradução e de interpretação: atividades permanentes, traduções de textos acadêmicos, atividades de plantão, interpretação em eventos, na sala de aula, entre

outros. Quanto ao regimento interno, desempenha um papel importante na medida em que estabelece normas que orientam a atuação profissional.

Na questão 15, é perguntado se o ILS tem horas de estudo na instituição e todos disseram que sim. Já na questão 16, perguntamos quantas horas de estudo cada profissional tinha. Segundo o regimento, já mencionado no Cap.I esse tempo deve ser de 20% da carga horária trabalhada.

Gráfico 5 - Frequência semanal de estudos dentro da instituição



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Percebemos que os dados estão em desacordo. Há um intérprete que trabalha 40 horas na instituição e tem 8 horas de estudo, de acordo com os 20% redigidos no regimento dos intérpretes da FURB. Há seis intérpretes que trabalham 20 horas semanais, mas há dois a mais (8) que fazem 4 horas de estudo. Além disso, há um intérprete que trabalha 10 horas na instituição, e quatro que trabalham 30 horas, mas só três disseram que fazem 3 horas de estudo.

Precisamos lembrar que nesse contexto há uma ressalva na interpretação de aulas de Libras, que não são contabilizadas nos 20% de horas de estudo, o que dificulta a contagem dessas horas pelos intérpretes. Mas, o local de estudo é na instituição, em uma sala reservada para os intérpretes, isso foi perguntado na questão 17 e todos responderam que há um local de estudos dentro da instituição.

Novamente voltamos a falar do regimento, esse assunto necessita ser abordado nas reuniões (que ocorrem com muita discrepância), para que todos entendam corretamente quanto tempo de estudos cada um dos funcionários precisa fazer. Ter um tempo de estudo é fundamental para um bom andamento dos trabalhos.

As condições ideais de trabalho passam muito longe do que vem ocorrendo na prática. O trabalho em instituições de ensino implica em condições específicas como a didática e metodologia empregada, organização e tempo escolar, dentre outras. Desse modo, ressalta-se que o intérprete deveria ter direito a um contrato que se enquadre em sua carga horária de atuação as horas de atuação - interpretação em sala de aula, acrescido do tempo que utilizaria para estudo do conteúdo a ser interpretados e de possibilidades de tradução. (MARTINS, 2009, p. 110).

O próximo dado que relato do questionário respondido pelos intérpretes da FURB, é um dos mais curiosos. Na pergunta nº 18 perguntamos: Há algum estúdio de gravações para tradutores, ou equipamentos que a instituição ofereça para tal serviço? Eis a resposta:

Gráfico 6 - Há algum estúdio de gravações, ou equipamentos que a instituição oferece para tradução de materiais?



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Esse dado é muito curioso, pois saber da existência de um estúdio ou de equipamentos de gravação é uma das principais informações que este intérprete precisa ter. Esse profissional consegue com isso traduzir materiais, gravar vídeos, entre outros, interpretar aulas virtuais para colaborar com o ensino-aprendizagem do estudante.

Quando metade dos participantes diz que não conhece um estúdio ou equipamentos de gravação na instituição e a outra metade diz que há, não conseguimos definir, se há ou não esse estúdio ou esses equipamentos. Ou só metade da equipe faz esse tipo de trabalho. É importante salientar que se a instituição já conta com o estúdio/equipamentos, estes devem ser divulgados para os intérpretes; e se não há, é preciso pensar em como organizar espaços e equipamentos para um mínimo de tradução de materiais.

O uso de um estúdio por parte do ILS no âmbito educacional é algo novo, e que vem sendo colocado em prática há pouco tempo. Com a pandemia, as tecnologias trouxeram proximidades e oportunidades para os intérpretes e muitos elaboraram estúdios caseiros em

casa, para dar conta da demanda de interpretação. Entendemos que daqui em diante ter esses equipamentos, será primordial para um bom trabalho do ILS.

O uso de tecnologias pelos ILS, segundo a Federação Brasileira das Associações de Tradutores e Intérpretes e Guia-intérpretes de língua de sinais (FEBRAPILS) através de duas notas técnicas (Nota Técnica Nº 01/2017; e Nota Técnica Nº 004/2020) traz a concepção de que é necessário respeitar a norma da NBR 15.290 da ABNT, que trata da especificidade da atuação audiovisual e remota.

Na pergunta nº 19, foi questionado aos ILS, quais eram ou outros profissionais que colaboram com a equipe de ILS da instituição – 83,7% disseram que há um Coordenador de Intérpretes; 66,7% disseram que há Profissional de AEE⁵; 58,3% informaram que há psicólogo; 50% disseram que há professores de Libras; 25% disseram que há Professor de Ed. Especial; 16,7% afirmaram haver pedagogo na equipe e 8,3% dos participantes informaram ter Técnico responsável por edição, legendagem, gravação, entre outros.

Compreendemos que para termos acessibilidade garantida na instituição, é necessário haver profissionais como o professor de educação especial, pedagogo, entre outros.

Segundo Albres e Rodrigues (2016),

Dentre os profissionais envolvidos diretamente com a educação de surdos que compreendem as especificidades linguísticas e socioculturais desses alunos estão: (i) os professores bilíngues para atuar na educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental e para o ensino do Português como segunda língua; (ii) os professores de Libras; e (iii) os tradutores e intérpretes de Libras-Português. (ALBRES; RODRIGUES, 2016, p.17).

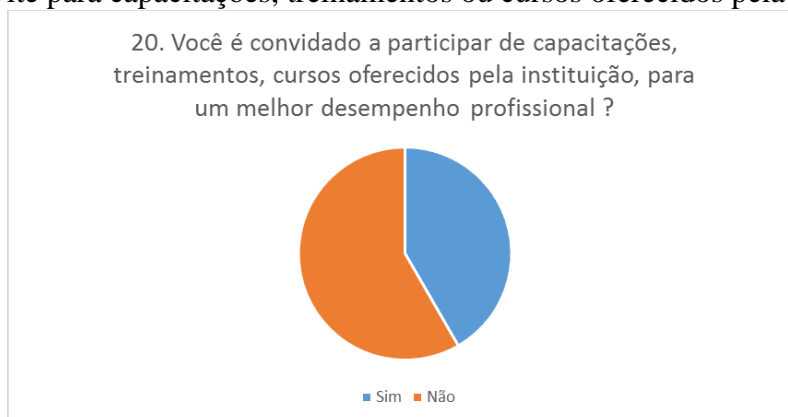
Há dois cargos que atuam muito com os ILS da instituição: Coordenador da Equipe de ILS; e o Professor de Libras. O coordenador da equipe de ILS é quem organiza as escalas, defende a profissão diante da instituição, e tenta amenizar conflitos de relação. O professor de Libras pode auxiliar com o léxico da língua, e melhorar alguma tradução e/ou interpretação, fazendo uma espécie de revisão deste trabalho.

Ter um coordenador de equipe, que seja ILS, em qualquer instituição, traz para os profissionais segurança no trabalho, tranquilidade para atuação com os pares, e serve de referência quando há algo a ser resolvido, tanto para a universidade, para os discentes Surdos, quanto para os ILS. Ter esse cargo dentro da equipe e da instituição é fundamental para uma boa atuação dos profissionais.

⁵ Atendimento Educacional Especializado.

Na pergunta nº 20, queríamos saber se os intérpretes são convidados a participar de cursos, palestras, congressos, entre outros.

Gráfico 7 - Convite para capacitações, treinamentos ou cursos oferecidos pela instituição



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Percebemos pelo gráfico que a maioria dos ILS não é convidada para tal ação, e quem é convidado, a minoria, respondeu na pergunta 21, com que frequência esses cursos, treinamentos ou formações acontecem, e a resposta foi unânime: uma vez por ano. Com isso, ao pensar nos ILS que responderam que não são convidados (pergunta 20), apenas um deles não estava na instituição há um ano, visto que a maioria está entre três e cinco anos na instituição.

Isso significa que alguns são convidados e outros não? Além disso, houve intérpretes que responderam que há formação, mas estão na instituição há menos de três anos. Essas incoerências mostram que as formações devem ser realizadas constantemente pelo ILS, pois estudar a língua (que é viva e muda a todo instante), os modos de interpretação, a interpretação na educação; os estudos da tradução, a troca de experiências, entre outros; é de suma importância para os intérpretes, principalmente no meio educacional, onde o ensino aprendizagem do aluno está em jogo.

Segundo Santos (2015, p. 122),

Na composição de uma equipe, merece um destaque especial a competência linguística e tradutória dos profissionais que a compõem, fundamental na prestação de um serviço de qualidade. Por tanto, atividades de formação continuada que desenvolvam essas competências podem trazer contribuições relevantes para a implementação do serviço de tradução e de interpretação. A formação continuada dos ILS

Na pergunta 22, sobre se há escala no trabalho da equipe, todos responderam que sim. Na pergunta 23, ainda sobre a escala, qual é a frequência de organização de escala e as

respostas foram unânimes: a cada seis meses. Isso mostra que a escala é mesmo realizada, todo o semestre.

4.4 Relacionamento

As perguntas 24, 25, 26 e 27, estão relacionadas as relações entre a equipe e comunidade universitária. Na pergunta 24 questionamos sobre a relação com a chefia imediata, e as respostas foram: Muito Boa (4) e Ótima (8), mostrando um bom relacionamento. Na pergunta 25, questionamos sobre a relação com colegas intérpretes e as respostas foram: Boa (1), Muito Boa (8), e Ótima (3); Na pergunta 26, questionamos a relação com os Clientes Surdos e, mais uma vez as respostas foram: Boa (1), Muito Boa (7) e Ótima (4); Na questão 27, pedimos para o intérprete dizer numa escala de 0 a 10, qual é a sua relação com toda a equipe? (sendo 0 mínimo de importância, e 10 máximo de importância) e as respostas foram: 7 (1 ILS); 8 (2 ILS); 9 (7 ILS); e 10 (2 ILS),

Essas questões mostram que a equipe se dá bem, e que todos veem uma relação boa entre os envolvidos com esse tema na universidade.

Na questão 28 (Como você se sente trabalhando nessa instituição (FURB)) que é descritiva, 9 intérpretes (75%) responderam que estão satisfeitos e/ou que se sentem muito bem nesse espaço. Os outros 3 (que vou chamar de 1º, 2º e 3º, respectivamente) colocaram as seguintes respostas:

1º - “Gosto da instituição e do ambiente de trabalho mas às vezes me sinto acuada por alguns interpretes.”

2º - “Eu gosto de trabalhar aqui. A chefia é muito boa. Não gosto de alguns privilégios, que intérpretes que entraram na instituição depois de mim, tem acima dos meus, enquanto servidora efetiva. Falta um pouco mais de clareza, por parte da chefia, em organizar as escalas de trabalho, favorecendo os servidores efetivos, antes de favores colaboradores celetistas ou contratados.”

3º - “Gosto muito de trabalhar nessa instituição, o que deixa a desejar é a ausência de um trabalho de interpretação com revezamento diariamente . Trazendo malefícios na saúde física dos profissionais (dores nas costas, braços, pescoço), bem como prejudicando na atuação dos intérpretes , pois a qualidade da interpretação acaba sendo afetada e consequentemente prejudicando o acadêmico.” (Questionário elaborado pelo autor).

Precisamos entender que dos doze profissionais só três comentaram sobre algum problema no relacionamento, e que são pontos específicos, que podem ser identificados e solucionados com uma conversa entre a equipe. O profissional 1ª que sente-se um pouco acuado pelos colegas de profissão, pode estar com problemas emocionais, o que afeta o

trabalho com os colegas. O Profissional 2^a que, por ser efetivo, vê como necessário essa hierarquia dentro da instituição, precisa também pensar que a função que exerce é a mesma que os demais colegas, e pensar que existe uma hierarquia por ser efetiva, atrapalha o trabalho com os colegas.

O 3^a comenta sobre a dificuldade de obter um trabalho em equipe todos os dias. Percebemos que não é sempre que há colegas para revezar, e/ou a figura do intérprete de “apoio”. Isso mostra que ainda há muito no que se avançar para o bem estar profissional dos ILS, quando vários desses têm problemas de saúde devido ao não trabalho em equipe.

Isso mostra que a atuação no ensino superior é exaustiva e que precisamos de equipes de interpretação também nesse contexto. Mas ainda sim, precisamos ampliar as formações de intérpretes no Brasil, e valorizar ainda mais esses profissionais, fazendo com que as equipes sejam formadas. Apontar as necessidades de um trabalho colaborativo em equipe, é importante nesse contexto, uma vez que ainda vemos intérpretes trabalhando isolados nas instituições de ensino superior.

A pergunta 29, também descritiva, pergunta se há alguma consideração que os profissionais quisessem compartilhar, sobre o trabalho em equipe dos intérpretes da FURB. Nessa questão 10 ILS responderam e 7 desses (70%) comentam elogios sobre a equipe, e sobre a instituição. Um (10%) intérprete disse que não tinha considerações, e os outros dois (20%) , que vou chamar de 1^o e 2^o respectivamente, responderam o seguinte:

1^a - Acredito que há intérpretes excelentes aqui, que são referências não apenas na região do Vale. Mas também há intérpretes que são extremamente iniciantes, que entraram por coleguismo e não por competência. Isso me frustra muito, pois gastei tempo para me aprimorar e muitas vezes não tenho as mesmas vantagens que essas pessoas têm.

2^a - É difícil trabalhar com outros intérpretes. Alguns me ajudam são companheiros, outros se sentem superior e me tratam mal. Infelizmente por isso não gosto de trabalhar em dupla.

Novamente reiteramos que a maioria (70%) fez elogios a equipe e a instituição. A primeira profissional traz uma questão delicada, quando comenta que colegas de profissão estão passando em processo seletivo por, como ele diz, “coleguismo”. Intérpretes podem e devem ter o direito de passar por um processo seletivo, e serem aprovados, sendo esses intérpretes iniciantes ou não, depende muito de seu profissionalismo e de sua competência tradutória. Há de se pensar que, se qualquer candidato teve privilégios para entrar na

instituição, essa deve rever seus métodos de contrato, e avaliar seus processos de escolha de profissionais.

A segunda resposta comenta que não gosta de trabalhar em “duplas” pois alguns ILS tratam essa pessoa mal. Essa questão emocional, de não conseguir trabalhar na frente de um colega de profissão, é encontrada em vários lugares do país. Não é comum trabalhar em equipe, e os profissionais precisam, ainda, aprender como trabalhar assim.

Em qualquer profissão as pessoas precisam trabalhar com seus pares. É necessário uma conversa com a instituição e com a intérprete, para entender a questão e criar protocolos para o trabalho em equipe. Uma opção é a conversa anterior ao trabalho com o colega, para alinhar como a “dupla” irá trabalhar, e assim ter um relacionamento amigável e profissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, trouxe um pouco de minha experiência como intérprete de Libras, mostrando ocasiões onde os intérpretes educacionais ficavam trabalhando por horas consecutivas sozinhos e com um desgaste físico e mental enormes, causando prejuízo na qualidade da mensagem alvo que se queria produzir. Além disso, tal situação contribui para o descaso que muitas vezes se tem com os profissionais que atuam como ILS, pois a força da lei impõe sua obrigatoriedade e a execução de um trabalho sério e de qualidade.

O objetivo deste trabalho foi problematizar esse o isolamento dos ILS na área educacional, mais especificamente no ensino superior. Para isso, buscamos em uma universidade da região, onde existia um número significativo de colaboradores ILS, fazer uma pesquisa da organização desses profissionais e a importância do trabalho em equipe, dentro de instituições de nível superior.

Muitas pesquisas são realizadas sobre a atuação dos intérpretes na área educacional (Albres 2015; Lacerda 2015; Lodi e Lacerda 2014; entre outros), mas ainda não tínhamos pesquisas voltadas para a formação de equipes de ILS dentro de sala de aula e isso trouxe uma dificuldade para relacionar com pesquisas sobre a formação da equipe de ILS em outras áreas como na interpretação de conferência por exemplo (NOGUEIRA, 2016).

No Referencial teórico apresentei o conceito de “trabalho em equipe”, e seus desdobramentos; expliquei como ocorre o processo de interpretação (Albres, 2015; Souza 2017; Santiago, 2013; Pagura, 2003); o trabalho do intérprete de “apoio” (Nogueira, 2016; Nogueira; Gesser 2018) o intérprete da área educacional (Marcon, 2012; Rodrigues, 2013; Quadros, 2004, 2006; Masutti e Paterno, 2011; entre outros), além dos já mencionados acima; o Trabalho em equipe (Nogueira, 2016; FEBRAPILS, 2017, Souza, 2017; Santiago, 2016); e relacionei o trabalho em equipe com os ILS na área educacional (Ensino Superior) através de pesquisa em acervo bibliográfico de Albres, onde não encontramos trabalhos que falem sobre a equipe no contexto educacional.

Como esse trabalho foi realizado em uma universidade da região de Blumenau, fizemos um pequeno recorte histórico da instituição e depois levantamos dados com os profissionais ILS, através de questionário para entendermos como estava sendo realizado o trabalho em equipe daquele grupo.

Depois da análise desses dados, consideramos que os profissionais que trabalham na FURB, ainda estão trabalhando de forma isolada em cursos superiores de graduação e especialização. Os momentos onde ocorrem essa interação com o colega é principalmente em disciplinas concentradas e em atividades do mestrado. Mesmo assim, conseguimos dados importantes dos membros dessa pesquisa, avaliando como importantíssimo ter a figura do “apoio” e a colaboração dos colegas profissionais.

Grande parte dos intérpretes têm formação específica e experiência profissional, por isso são em sua maioria servidores efetivos da instituição. Isso colaborou para que a relação interpessoal entre os membros da comunidade acadêmica e os intérpretes fosse bem avaliada. Santos 2015 explica que essas relações interpessoais, e conhecer a instituição e suas resoluções são elementos de suma importância para os ILS.

As formas como as relações interpessoais e profissionais são construídas entre a equipe e os demais membros das instituições acadêmicas convoca a comunidade universitária a repensar as solicitações de trabalho, os critérios estabelecidos frente a essas demandas e a infraestrutura oferecida pelas universidades. Conhecer os processos organizacionais (tramitações, órgãos/setores responsáveis por determinadas decisões, formas de institucionalizar o trabalho) é vital para que as práticas de tradução e interpretação possam ter um impacto satisfatório de acordo com o tipo de instituição. (SANTOS, 2015, 124).

Para que a instituição e seus membros entendam as necessidades dos ILS (inclusive a do trabalho em equipe) é imprescindível que esses tenham clareza dos documentos norteadores da IES, e isso irá criar melhorias para esses profissionais.

Isso já vem sendo conquistado na FURB, pois já tem em seu quadro de funcionários um coordenador de intérpretes, e além disso, uma resolução institucional que traz orientações sobre o serviço de interpretação.

Outra questão que precisamos relatar é que entre os ILS podem haver, muitas vezes, situações de disputa ou concorrência. Isso pode acontecer em qualquer profissão, mas precisamos entender nosso papel dentro da instituição e sermos profissionais na hora do trabalho. Nosso colega está ali como apoio, como ajuda. Trabalhar em parceria, melhora a qualidade de interpretação e nos ajuda a quebrar as barreiras do dia a dia.

Depois de todas as informações coletadas e apresentadas, ainda é necessário uma pesquisa maior para entendermos na prática como seria um trabalho em equipe dos ILS em sala de aula (Ensino Superior). Os dados presentes na pesquisa mostram que essa categoria vê como necessário para a qualidade da interpretação e para um menor esforço físico e mental, o trabalho em equipe, que já ocorre em alguns momentos.

Os objetivo geral foi sanado nesse trabalho, através dos objetivos específicos. Conseguimos analisar as funções dos intérpretes, com o questionário, percebendo os momentos de trabalho em equipe; através da pesquisa alinhada com as respostas dos profissionais conseguimos identificar que o trabalho em equipe é importante para esse grupo; identificamos também como é a contratação desses profissionais, e a grande maioria é efetivo da instituição; e ainda percebemos que os ILS ainda não trabalham em equipe em cursos de graduação, mas estão fazendo isso em outros momentos.

Perante isso, podemos compreender que a pesquisa aqui apontada, pode ter continuidade e ainda podemos complementá-la com trabalhos futuros sobre o trabalho dos ILS em equipe em outras áreas, como jurídica, comunitária, saúde, entre outras.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **Intérprete Educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva**. São Paulo: Harmonia, 2015.

ALBRES, Neiva de Aquino; RODRIGUES, Carlos Henrique. As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 16-41, set./dez. 2018.

BLUMENAU. **Lei nº 1458, 20 de dezembro de 1967**. Institui a Fundação Universitária de Blumenau. Blumenau, 20 dez. 1967.

BLUMENAU. **Lei nº 1459, 20 de dezembro de 1967**. Institui unidades integrantes da Fundação Universitária de Blumenau e dá outras providências. Blumenau, 20 dez. 1967.

BRAGA, B. C.; TRINDADE, C. **Intervenção fisioterápica em lesões por esforços repetitivos decorrentes da utilização da Língua Brasileira de Sinais**. 2007. 66 f. Monografia (Graduação em Fisioterapia) - Escola de Saúde, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2007.

BRASIL. Decreto 5.626 de dezembro 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 22 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2 set. 2010.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

CAMARGO, Diva Cardoso de. **Metodologia de pesquisa em tradução e linguística**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto, SP: Laboratório Editorial do IBILCE, UNESP, 2007. (Coleção Brochuras).

DINARTE, Luiz Daniel Rodrigues; RUSSO, Ângela. Tradução e interpretação de Língua de Sinais no contexto da Pós-Graduação: problematizando posições. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, p. 174-196, jul./dez. 2015.

FEBRAPILS. **Nota Técnica no 02/2017**. Nota Técnica Sobre a Contratação do Serviço de Interpretação de Libras/Português e Profissionais Intérpretes de Libras/Português. [S.l.], 2017. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B3eZNKrWC6hcWnAyd3FIU2VFQmc/view>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FURB. **Resolução nº 008/2015, de 8 de abril de 2015**. Regulamenta o Serviço de Tradução/Interpretação da Língua Brasileira de Sinais – Libras na Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB. Blumenau, 8 abr. 2015.

GABRIAN, J.; WILLIAMS, G. **The effect of interpreter fatigue on interpretation quality**. [S.l.], 2009. Disponível em: <http://www.gerardwilliamsNet/index.php>. Acesso em: 22 nov. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LACERDA, Cristina B. F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, maio/ago. 2006.

LACERDA, Cristina B. F. de. **Intérprete de libras em atuação na escola infantil e no ensino fundamental**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LACERDA, Cristina B. F. de. O intérprete Educacional de língua de sinais no Ensino Fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. *In: LODI, A.C.B et al. (org.). Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.120-128.

LODI, Ana Claudia B. A leitura em segunda língua: práticas de linguagem constitutivas da(s) subjectividade(s) de um grupo de surdos adultos. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, maio/ago. 2006.

LODI, Ana Claudia B; LACERDA, Cristina B. F. de. **Uma escola, duas línguas: letramentos em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

MARCON, Andréia Mendiola. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

MARTINS, Diléia Aparecida. **Trajetórias de formação e condições de trabalho do intérprete de libras em instituições de educação superior**. Campinas: PUC, 2009.

MASUTTI, Mara Lúcia; PATERNO, Uéslei. **Tradução e interpretação de libras**. Florianópolis, SC, 2011.

MOSER-MERCER, B.; KÜNZLI, A.; KORAC, M. Prolonged turns in interpreting: Effects on quality, physiological and psychological stress (Pilotstudy). **Interpreting**, v. 3, n. 1, p. 47-64, 1998.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra; GESSER, Audrei. As pessoas não sabem o significado de apoio: Percepções e Competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. **Revista Translatio**, Porto Alegre, n. 15, jun. 2018.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. esp., 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC, 2003.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A Interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ROVER, Oscar José. O Método Científico Em Ciências Sociais: Dos Documentos, Questionários E Entrevistas À Análise De Enunciados. **Revista GRIFOS**, n. 32/33, 2012.

SANTA CATARINA. Secretaria da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Intérpretes educacionais de Libras: orientação para a prática profissional**. Florianópolis: DIOESC, 2013.

SANTIAGO, J. V. B.; ROSA, M. M. S.; OLIVEIRA, J. S. A carência de cuidados na prevenção de DORT na atuação do intérprete de LIBRAS. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 10., 2009, Ouro Preto. **Anais [...]**, Ouro Preto, MG, 2009. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/anaisdoentrad/images/stories/74Santiago.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **Tradução e interpretação de e para Libras: um guia para quem quer contratar serviços de tradução e interpretação de Libras - língua brasileira de sinais**. FEBRAPILS, 2016.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **Atuação de intérpretes de Língua de Sinais na pós-graduação Lato Sensu: estratégia adotadas no processo dialógico.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. A Implementação do Serviço de Tradução e Interpretação de Libras-português nas Universidades Federais. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, p. 113-148, jul./dez., 2015.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. Posfácio. *In*: ALBRES, Neiva de Aquino. **Intérprete educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva.** São Paulo: Harmonia, 2015. p. 127-142.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Tradução/Interpretação de Línguas de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010.** Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SBCOACHING. **Trabalho em equipe: como liderar uma equipe?** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.sbcoaching.com.br/coaching/trabalho-equipe-liderar>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHMITT, Darlan Jevaer; SASSE, Liane Kirsten; COSTA, Viegas Fernandes da. **Breve histórico da Universidade Regional de Blumenau.** Blumenau, [201?].

SIGNIFICADOS.COM. **Trabalho em equipe.** [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.significados.com/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SILVA, Diná Souza da. **A atuação do intérprete de libras em uma instituição de ensino superior.** 2013. 161f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013.

SOUZA, Nilsa T. Sá de. **A relevância do trabalho em equipe no processo de tradução.** Cuiabá, MT: PPGEL/UFMT, 2017.

APÊNDICE A - APRESENTAÇÃO DA PESQUISA AOS PARTICIPANTES

“Questionário sobre o trabalho em equipe dos Intérpretes da FURB.

Olá Intérprete da Furb! Você está sendo convidado a participar da pesquisa: O Trabalho em Equipe dos Intérpretes Educacionais: Uma análise da atuação na Universidade Regional de Blumenau (FURB). Parte deste levantamento irá compor o trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Letras-Libras (UFSC) do acadêmico Everton Luis Anselmini, sob orientação da Prof. Silvana Aguiar dos Santos (UFSC), com o título: O Trabalho em Equipe dos Intérpretes Educacionais: Uma análise da atuação na Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Objetiva-se realizar um levantamento de informações a respeito da equipe de tradutores/intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, na Universidade Regional de Blumenau na FURB. Esta pesquisa está sendo realizada para conhecer melhor o cenário profissional dessa equipe, no contexto educacional – ensino superior, especialmente, na tomada de decisões referente às estratégias, dificuldades, soluções e desafios enfrentados pela equipe.

Para participar desse levantamento, você precisará apenas responder as perguntas que seguem abaixo. No total, são 29 perguntas organizadas em quatro blocos, a saber: Perfil Profissional; Campo de Atuação; Institucional e relacionamento. Você não será identificado sob hipótese alguma, uma vez que não há campos para você preencher seu nome ou qualquer outra informação que lhe identifique. Também não há riscos e/ou prejuízos ao participar deste questionário, tampouco custos ou remuneração.

Caso queira obter mais informações sobre esta pesquisa ou esclarecer qualquer dúvida, você poderá entrar em contato pelo e-mail: everton.anselmini@unochapeco.edu.br

Agradecemos desde já seu tempo dispensado e sua participação!”.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

PERFIL PROFISSIONAL:	
1. Qual é sua idade?	a) 18-25;
	b) 26-35;
	c) 35-50;
	d) mais que 50;
2. Há quanto tempo trabalha como Intérprete de Libras?	a) de 1 a 5 anos;
	b) de 6 a 10 anos;
	c) de 10 a 15 anos.
	d) de 15 a 25 anos;
	e) mais de 25 anos;
3. Qual é sua formação?	a) Letras Libras (bacharel);
	b) Letras Libras (Licenciatura);
	c) Pedagogia + Prolibras + Pós em Tradução e Interpretação ou Libras;
	d) Pedagogia + Prolibras;
	e) Pedagogia + Pós em Tradução e Interpretação ou Libras;
	f) Outro Curso + Prolibras + Pós em Tradução e Interpretação ou Libras;
	g) Outro Curso + Prolibras;
	h) Outro Curso + Pós em Tradução e Interpretação ou Libras;
	i) Ensino Médio + Prolibras;
	j) Ensino Médio;
	k) Outro: _____;
4. Você possui algum curso complementar de Libras? Se sim, qual carga horária?	a) 20h à 80h
	b) 80h à 120h;

	c) 120h à 200h;
	d) Mais de 200h;
	e) Não possuo horas complementares;
5. Quantas horas por semana você atua na instituição (FURB)?	a) 60 horas;
	b) 40 horas;
	c) 30 horas;
	d) 20 horas;
	e) 10 horas;
	f) Outro: _____;
6. Quantos anos trabalha na instituição (FURB)?	R: _____;
CAMPO DE ATUAÇÃO	
7. Você já interpretou em quais áreas do conhecimento, na instituição (FURB)?	<input type="checkbox"/> Ciências Humanas;
	<input type="checkbox"/> Ciências Exatas e da Terra;
	<input type="checkbox"/> Ciências Biológicas;
	<input type="checkbox"/> Engenharia / Tecnologia;
	<input type="checkbox"/> Ciências da Saúde;
	<input type="checkbox"/> Ciências Agrárias;
	<input type="checkbox"/> Ciências Sociais;
	<input type="checkbox"/> Linguística;
	<input type="checkbox"/> Outro: _____;
8. Em quais níveis de ensino você já interpretou na instituição (FURB)?	<input type="checkbox"/> Ensino Médio;
	<input type="checkbox"/> Graduação;
	<input type="checkbox"/> Pós Graduação (especialização);
	<input type="checkbox"/> Mestrado;
	<input type="checkbox"/> Doutorado;
	<input type="checkbox"/> Outro: _____;

9. Você já atuou com/como "intérprete de apoio" na instituição (FURB)? Se sim, poderia nos informar onde, em qual curso, etc.	R: _____;																						
10. Numa escala 0 a 10 diga qual a importância de ter o "intérprete de apoio" no momento de atuação. (sendo 0 mínimo de importância, e 10 Máximo de importância).	<table border="1" data-bbox="842 555 1433 667"> <tr> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> <tr> <td>0</td><td>1</td><td>2</td><td>3</td><td>4</td><td>5</td><td>6</td><td>7</td><td>8</td><td>9</td><td>10</td> </tr> </table>												0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10													
INSTITUCIONAL:																							
11. Como é o seu contrato de trabalho na instituição (FURB).	a) Servidor efetivo da instituição;																						
	b) Funcionário com Carteira assinada;																						
	c) Contrato de trabalho via Processo seletivo, com data de término de contrato;																						
	d) Contrato emergencial, renovado depois de alguns meses;																						
	e) Outro: _____;																						
12. Você é convidado ou convocado para reuniões que envolvam a atuação profissional?	a) Sim																						
	b) Não																						
13. Se a resposta da questão anterior é sim, com que frequência?	a) uma vez por ano;																						
	b) uma vez a cada seis meses;																						
	c) uma vez a cada três meses;																						
	d) uma vez por mês;																						
	e) a cada 15 dias;																						
	f) uma vez por semana;																						
	g) Não sou convidado ou convocado;																						
	h) Outro: _____;																						
14. Você conhece alguma normativa,	a) Sim																						

resolução ou regimento institucional que discorra sobre as atividades da equipe de Intérpretes?	b) Não;
	c) não sei opinar, desconheço;
	d) Outro: _____;
15. Você tem horas de estudo, para uma melhor atuação, durante a semana?	a) Sim;
	b) Não;
16. Se na questão anterior a resposta foi sim, com qual frequência semanal?	a) 8 horas;
	b) 6 horas;
	c) 4 horas;
	d) 2 horas;
	e) 1 hora;
	f) Não tenho horas de estudo;
17. Se você tem horas de estudo, existe um espaço para isso?	a) Sim;
	b) Não;
	c) Não tenho horas de estudo;
18. Há algum estúdio de gravações para tradutores, ou equipamentos que a instituição ofereça para tal serviço?	a) sim;
	b) não;
19. Na FURB, além de intérpretes, quais outros profissionais fazem parte da equipe de trabalho?	() Professor de Educação Especial;
	() Profissional do AEE;
	() Professor de português como segunda língua para Surdos;
	() Professor de Libras;
	() Pedagogo;
	() Psicólogo;
	() Tradutor;
	() Coordenador de intérpretes;
() Técnico específico responsável por	

	edições, legendagem, gravações, estúdio, etc.
	() Não há outros profissionais;
	() Outro: _____;
20. Você é convidado a participar de capacitações, treinamentos, cursos oferecidos pela instituição, para um melhor desempenho profissional?	a) sim;
	b) não;
21. Se na questão anterior, a resposta foi sim, com que frequência?	a) uma vez por ano;
	b) uma vez a cada seis meses;
	c) uma vez a cada três meses;
	d) uma vez por mês;
	e) a cada 15 dias;
	f) Não sou convidado;
22. Existe escala de trabalho?	a) Sim;
	b) Não;
23. Se na questão acima sua resposta foi sim, essa escala é realizada:	a) A cada seis meses;
	b) a cada três meses;
	c) todos os meses;
	d) a cada 15 dias;
	e) toda a semana;
	f) todo o dia;
	g) Não existe escala;
	h) Outro: _____;
RELACIONAMENTO	
24. Como é sua relação com a chefia imediata?	a) Ótima;
	b) Muito Boa;
	c) Boa;
	d) Ruim;

	e) Péssima;																						
25. Como é a relação com colegas intérpretes?	a) Ótima;																						
	b) Muito Boa;																						
	c) Boa;																						
	d) Ruim;																						
	e) Péssima;																						
26. Como é a relação com os clientes (Surdos)?	a) Ótima;																						
	b) Muito Boa;																						
	c) Boa;																						
	d) Ruim;																						
	e) Péssima;																						
27. Numa escala de 0 a 10, qual é a sua relação com toda a equipe? (sendo 0 mínimo de importância, e 10 Máximo de importância)	<table border="1"> <tr> <td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td> </tr> <tr> <td>0</td><td>1</td><td>2</td><td>3</td><td>4</td><td>5</td><td>6</td><td>7</td><td>8</td><td>9</td><td>10</td> </tr> </table>												0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10													
28. Como você se sente trabalhando nessa instituição (FURB)?	R: _____;																						
29. Há alguma consideração que você queira compartilhar, sobre o trabalho em equipe dos intérpretes da FURB?	R: _____;																						

ANEXO A – CÓDIGO DE CONDUTA E ÉTICA DA FEBRAPILS



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

CÓDIGO DE CONDUTA E ÉTICA

**PRIMEIRA ALTERAÇÃO APROVADA EM ASSEMBLEIA GERAL
ORDINÁRIA NO DIA 13 DE ABRIL DE 2014.**

Preâmbulo

- I. A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS) busca alcançar um padrão de profissionalismo e conduta ética entre os tradutores e intérpretes e guias-intérpretes de Língua de Sinais.
- II. Os princípios norteadores deste Código de Conduta e Ética (CCE) devem ser observados de maneira holística e como guia para a prática profissional em âmbito nacional.

**CAPÍTULO I
DA DEFINIÇÃO E APLICABILIDADE**

Art. 1º - Para os fins deste CCE, considera-se:

- I. TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais: Profissional que traduz e/ou interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua de sinais ou para língua oral, ou vice-versa, em quaisquer modalidades que se apresentar.
- II. GI – Guia-Intérprete para pessoas surdocegas: Profissional que interpreta de acordo com as modalidades de comunicação específicas utilizadas pela pessoa surdocega (Língua Oral Amplificada, Escrita na Palma da Mão, Alfabeto Manual Tátil, Língua de Sinais Tátil, Sistema Braille Tátil ou Manual, Língua de Sinais em Campo Reduzido, dentre outras); que facilita sua mobilidade; e que descreve o que ocorre nas situações de comunicação em que está atuando.



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

- III. Solicitante – Pessoa física ou jurídica responsável pela solicitação dos serviços de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.
- IV. Solicitado – Pessoa física ou jurídica responsável pela prestação dos serviços de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.
- V. Beneficiário – Indivíduo que utiliza os serviços de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.

Art. 2º - Este CCE aplica-se a todas as situações de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.

CAPÍTULO II DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Art. 3º - O TILS e o GI devem exercer sua atividade de forma digna e consciente, com o propósito de valorizar a sua categoria profissional.

Art. 4º - O TILS e o GI devem prover os serviços sem distinção de raça, cor, etnia, gênero, religião, idade, deficiência, orientação sexual ou qualquer outra condição.

Art. 5º - O CCE da FEBRAPILS tem como princípios definidores para a conduta profissional do TILS e GI:

- I. Confidencialidade.
- II. Competência Tradutória.
- III. Respeito aos envolvidos na profissão.
- IV. Compromisso pelo desenvolvimento profissional.

Art. 6º - O TILS e o GI devem manter e valorizar a confidencialidade como condição essencial para proteger todos os envolvidos no trabalho de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação, salvo quando



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

interpelado judicialmente à quebra de confidencialidade, informando esta obrigação ao Solicitante e ao Beneficiário.

Art. 7º - Cabe ao TILS e ao GI manter o respeito com todos os envolvidos no serviço de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação, devendo:

- I. Solicitar, sempre que necessário, colaboração aos colegas de profissão.
- II. Manter cooperação mútua com os colegas de profissão.
- III. Prestar apoio moral e solidariedade aos colegas de profissão.

Parágrafo Único. Não é permitido assediar ou coagir Solicitantes e Beneficiários.

Art. 8º - O TILS e o GI devem aceitar serviços de acordo com o seu nível de competência tradutória e com as circunstâncias e necessidades dos Solicitantes e Beneficiários, bem como:

- I. Conhecer as necessidades específicas da situação de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.
- II. Prestar informações ao Solicitante e/ou Beneficiário sobre sua atuação profissional.
- III. Firmar contrato com o Solicitante, cumprindo as obrigações concernentes ao trabalho em questão.

Parágrafo Único. O TILS e o GI não aceitarão uma prestação de serviços a que não se julguem qualificados, contudo, sua aceitação implica total responsabilidade moral pela seriedade da sua prestação.

Art. 9º - O TILS e o GI devem buscar a equivalência de sentido no ato de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.

Parágrafo Único. O TILS e o GI devem, também, corrigir, prontamente, eventuais equívocos cometidos no ato de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

**CAPÍTULO III
DA RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL**

Art. 10 - É de responsabilidade do TILS e do GI:

- I. Manterem-se informados e atualizados sobre quaisquer assuntos concernentes à profissão.
- II. Buscar formação continuada e aperfeiçoamento profissional.
- III. Apresentar-se adequadamente com relação à postura e à aparência.
- IV. Utilizar todos os conhecimentos linguísticos, técnicos, científicos, ou outros a seu alcance, para o melhor desempenho de sua função;
- V. Solidarizar-se com as iniciativas em favor dos interesses de sua categoria, ainda que não lhe tragam benefício direto.

Art. 11 - O TILS e o GI devem observar a Tabela de Referência de Honorários vigente da FEBRAPILS e aplicá-la sempre que necessário, exceto, quando houver desvantagem financeira.

Art. 12 - O TILS e o GI são responsáveis civil e penalmente por atos profissionais lesivos ao interesse do Solicitante e Beneficiário de seus serviços, cometidos por imperícia, imprudência, negligência ou infrações éticas.

Art. 13 - É dever, exclusivamente do GI:

- I. Conhecer as diferentes formas de comunicação utilizadas pelas pessoas surdocegas e conhecer as tecnologias assistivas.
- II. Ter conhecimento das especificidades atribuídas às pessoas surdocegas, descrever todos os aspectos visuais e auditivos durante o processo de tradução e interpretação e facilitar sua mobilidade.



**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS
TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS**

Filiada à WASLI – Word Association of Sign Language Interpreters

Fundada em 22 de Setembro de 2008

CNPJ 19.407.091/0001-02

Art. 14 - É vedado ao TILS e ao GI:

- I. Dar conselhos ou opiniões pessoais, exceto quando requerido e com anuência do Solicitante ou Beneficiário.
- II. Executar qualquer ato que caracterize concorrência desleal ou exploração do trabalho de colegas.
- III. Usar informações confidenciais traduzidas ou interpretadas para benefício próprio ou para ganho profissional.
- IV. Usar de qualquer propaganda pessoal no exercício de sua função.
- V. O uso de substâncias que alterem o estado psicoemocional de modo não a prejudicar o desempenho profissional.

**CAPÍTULO IV
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

Art. 15 - Quando houver um conflito entre este código e a legislação municipal, estadual ou federal, prevalecerá a lei hierarquicamente superior.

Art. 16 - O TILS e O GI que se dispuserem à prestação de serviços voluntários devem observar as normas contidas neste documento, bem como à Lei Federal 9.608/98 que dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências.

Art. 17 - O presente Código poderá ser alterado, de acordo com as necessidades da FEBRAPILS, por votação de no mínimo 2/3 (dois terços) dos membros efetivos presentes a uma Assembleia Geral Ordinária.

Art. 18 - Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho de Ética da FEBRAPILS.

Art. 19 - Este Código entrará em vigor a partir da data de sua aprovação em Assembleia Geral e registro em cartório.

Fortaleza, 13 de abril de 2014.